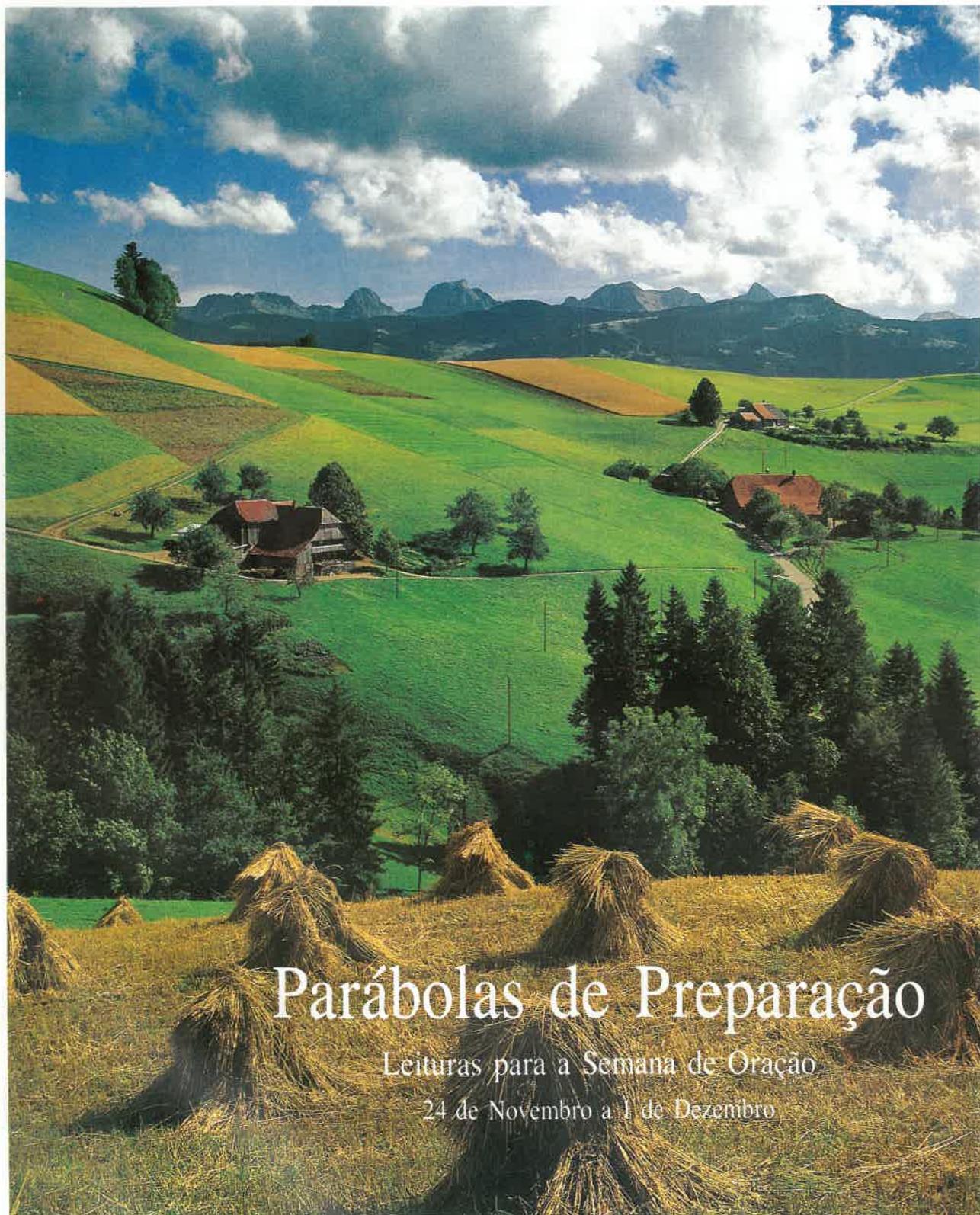


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro 1990



Parábolas de Preparação

Leituras para a Semana de Oração

24 de Novembro a 1 de Dezembro



Uma Mensagem do Presidente da Conferência Geral

Prezados Irmãos, Companheiros na Fé do Advento:

Na sua infância, a nossa igreja procurou dar resposta, de forma realística, ao desafio que constituía a comissão de Jesus, «Portanto, ide, ensinais todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo» (Mat. 28:19). Um pouco antes, Jesus fizera a promessa de que «Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Tal como os nossos pioneiros viam a situação, Jesus viria muito em breve, eles assim o acreditavam, possivelmente dentro de uma década. Tinham pouco tempo e poucos recursos e nem sequer lhes passava pela cabeça que o seu dever fosse de evangelizar a terra inteira.

Surgiu então a oportunidade de levar a mensagem do terceiro anjo à Europa, e a seguir, à África e ao Extremo Oriente. Com o encorajamento positivo e o fervoroso apelo de Ellen White, a igreja ampliou a sua visão de forma a incluir no seu projecto evangelístico o mundo todo. Mas, de novo, talvez tivéssemos ficado demasiado satisfeitos ao poder dizer que estávamos «representados» em muitos dos países e divisões políticas do mundo. Algumas nações têm dezenas e talvez vintenas de grupos com línguas diferentes dentro das suas fronteiras. Ter o trabalho estabelecido numa língua ou numa determinada área étnica não responde ao desafio das outras áreas.

Sinto-me feliz por poder afirmar que a igreja alargou, uma vez mais, a sua visão. No programa Estratégia Global, recentemente adoptado, a igreja anunciou que deixou de se contentar com o simples facto de estar representada em mais de 200 entidades políticas do mundo. O nosso alvo agora é penetrar em cada um dos cerca de 5000 grupos étnico-linguísticos do mundo — e isto dentro dos próximos 10 anos! Este desafio não desperta a nossa alma para a acção? Ele oferece-nos certamente um objectivo de oração muito específico.

«A mensagem de verdade que temos deve ir a todas as nações, línguas e povos. Em breve ela há-de ir com grande voz e a terra será iluminada com a sua glória. Estamos nós preparando-nos para este grandioso derramamento do Espírito de Deus?» (*Testimonies*, vol. 5, p. 383).

O que há de maravilhoso no programa de Estratégia Global é que ele não se limita a uma representação formal «institucional» da igreja. De facto, se tal acontecesse, seria um desastre desde o princípio. Temos de colher inspiração nos exemplos da igreja primitiva — como os crentes que deixaram Jerusalém para irem aos mais longínquos lugares da terra, e os missionários leigos que a si mesmo se mantinham, como Áquila e Priscila — e também os inúmeros exemplos através dos séculos. Considerai a possibilidade que agora existe para centenas, milhares de Adventistas, famílias, técnicos e profissionais, de se deslocarem para lugares onde a igreja não pode ser estabelecida. Esses crentes podem criar um impacto individual de um modo que nenhuma instituição o poderia fazer.

Amigos, o mundo está a mudar rapidamente. A igreja de Deus precisa de avançar com estas mudanças. Nós temos que penetrar nas portas que se nos abriam.

A *Revista Adventista* ajudar-vos-á a manter-vos a par destas mudanças e desafios e dos modos como a igreja os vai enfrentar. Ajudar-vos-á a manter os vossos pés seguramente firmados na Palavra de Deus enquanto as mudanças varrem tudo ao vosso redor. Ajudar-vos-á a encontrar o vosso lugar no programa de Estratégia Global. A *Revista Adventista* precisa de vós e vós precisais dela. Animo-vos a que façais dela uma parte da vossa vida espiritual.

Vosso dedicado irmão em Cristo

Robert S. Folkenberg

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro de 1990

Ano L • N.º 523

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 Lisboa Codex

Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 750\$00

Número Avulso 75\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Trabalho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Uma Mensagem do Presidente da Conferência Geral**
Por Robert S. Folkenberg
- 3 Os Vossos Planos Incluem o Futuro?**
Por Neal C. Wilson
- 6 Cansados de Esperar?**
Por Madelyn Jones-Haldeman
- 8 Usando o que temos**
Por Bob e Bev Bretsch
- 10 Ovelhas e Bodes**
Por Darold Bigger
- 12 Hipócritas na Igreja**
Por Charles E. Bradford
- 15 Na hora do pagamento, qual será a recompensa?**
Por Harold Knott
- 17 Vestidos para a Ocasião?**
Por Leo Ranzolin
- 19 Vacila a nossa Luz?**
Por Ellen G. White
- 21 Buscando o Tesouro Escondido**
Por Penny Estes Wheeler

Histórias que Jesus Contou Acerca do Fim

Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral

Ao aproximar-se o momento crucial do encontro desta Terra com o seu Criador, o nosso Senhor e Salvador apela à Sua igreja para que corresponda à gravidade da hora com preparação pessoal e consagração total.

A recente sessão da Conferência Geral deu grande realce ao desafio de completarmos a comissão evangélica. Quase metade da população do mundo não ouviu sequer falar no nome de Jesus. Em Indianápolis, como povo de Deus, nós renovámos o compromisso de alcançar os não-alcançados com a mensagem dos três anjos. A Estratégia Global de Evangelização tornou-se o nosso desafio.

Mas esta concitação mundial exige dedicação individual. Porque sem preparação pessoal não pode haver uma Estratégia Global que leve à terminação da obra.

O tema da Semana de Oração deste ano, «Parábolas de Preparação», apela a cada um de nós a que examinemos a nossa preparação para nos encontrarmos com o Senhor face a face. Que o Espírito Santo possa conduzir-nos, através destas leituras, a uma relação mais íntima com o nosso Salvador prestes a voltar a esta Terra.

R. J. Kloosterhuis

R. J. Kloosterhuis é vice-presidente geral da Conferência Geral

Os Vossos Planos Incluem o Futuro?

Precisamos de uma entrega total e imediata a Jesus Cristo

Damos graças a Deus pelas bênçãos que a Semana de Oração de 1990 nos reserva. O facto de dedicarmos todos os anos uma semana para de modo especial orarmos e meditarmos sobre temas espirituais não significa, de modo algum, que consideramos tal período de tempo suficiente. Pelo contrário. É porque reconhecemos que as coisas deste mundo nos absorvem demasiado que desejamos dedicar *esta* semana a procurar tomar consciência do facto de que necessitamos *cada semana* de uma crescente relação pessoal com Cristo.

O tema geral dos estudos desta semana é a importância da preparação para a volta de Jesus. Uma coisa é saber que Jesus voltará em breve, e outra coisa é estar preparado para a Sua vinda. Quando Jesus veio a esta Terra pela primeira vez, muitos sabiam, por terem estudado as profecias, que o Seu aparecimento estava iminente. Mas nem por isso estavam realmente preparados para recebê-lo nos seus corações.

Para nos ajudar nesta preparação, vamos estudar algumas das parábolas que Jesus tão eficazmente usou para falar sobre esse tema. Jesus servia-Se de parábolas, não apenas para tornar claro o que desejava ensinar, mas também para que os Seus ouvintes, cada vez que deparassem com qualquer das situações comuns do dia-a-dia de que Ele lhes falara, se lembrassem das lições espirituais que Ele delas retirara. Deste modo, os Seus sermões eram frequentemente repetidos nas suas vidas. Eles quase que podiam ouvir novamente a Sua voz.

O Ângulo Oposto

Nem todas as parábolas que Jesus contou são do tipo «vai e faz o mes-

mo». Às vezes, Ele extraía lições da perversa natureza humana para exemplificar o contraste entre a nossa maneira de fazer as coisas e a maneira de Deus. Contou, por exemplo, a história de um juiz injusto (Luc. 18:1-8) e a de um amigo importuno (Luc. 11:5-13). Na parábola das 10 virgens (Mat. 25:1-13), encontramos exemplos, tanto positivos como negativos, do que devemos e não devemos fazer.

A parábola que vou usar para iniciar as mensagens desta semana especial é a do mordomo infiel, que se encontra registada em Lucas 16:1-12. Jesus contou esta parábola para benefício, principalmente, dos Seus discípulos. Todavia, e como acontecia muitas vezes, estavam presentes outras pessoas que também a ouviram. Nesta ocasião encontram-se ali coletores de impostos e fariseus, os quais representavam estratos sociais e teológicos completamente opostos. Jesus dirigiu as Suas instruções a todos.

Tomando Vantagem

Jesus falou de um «certo homem rico», que tinha um mordomo, um administrador, que olhava pelos seus negócios. Este administrador tinha a seu cargo todos os assuntos referentes ao negócio daquele que o empregara: compra e venda de mercadorias, controlo de inventários, administração do pessoal, tudo estava a seu mando. Era uma posição de responsabilidade e, possivelmente, remunerada de acordo com a mesma. Porém, chegou aos ouvidos do dono de toda aquela fazenda que o homem em quem ele depositara tanta confiança era indigno da mesma. Não sabemos exactamente como ele tirava vantagens pessoais da sua administração, mas, quem sabe,

talvez ele estivesse desviando fundos, aceitando subornos, ou fazendo «negócios por baixo da mesa». Há muitas maneiras de se ser desonesto, mas há só uma maneira de se ser honesto.

O dono daquela grande empresa decidiu chamar a contas o seu administrador. É certo que possuía provas para o despedir imediatamente, mas quis dar-lhe uma oportunidade para que ele pusesse primeiro em ordem os seus negócios. Talvez aquele proprietário tenha sido demasiado brando. Talvez devesse ter contratado um investigador especial e dar-lhe poderes de agir. Terá, porventura, sido ingenuidade da sua parte permitir que uma pessoa de carácter duvidoso pusesse em ordem os seus livros de contabilidade antes de os entregar ao seu sucessor? Ou, na realidade, estaria o empresário revelando a sua própria ética e carácter pelo facto de demonstrar confiança e boa-fé?

O administrador compreendeu que a intimação era muito séria. Não somente ele ia ser despedido imediatamente, mas as suas actividades irregulares e abusivas iam provavelmente ser conhecidas por todos os outros empresários, e ele nunca mais conseguiria arranjar um emprego daquela natureza. Aquele homem sabia que não tinha condições de fazer um trabalho manual árduo e que era demasiado orgulhoso para passar de uma posição de administrador de uma grande empresa à situação de pedinte. Só tinha uma saída: usar a sua esperteza.

E foi o que fez. Traçou um plano de perfeita harmonia com a sua natureza tortuosa. Foi ao livro «Razão» e passou em revista a lista dos débitos passíveis de cobrança e a seguir convocou todos os devedores do seu amo. Um por um, foi-lhes perguntando quanto deviam ao seu patrão. E disse a todos para alterarem os seus registos de modo a revelarem apenas uma fracção do verdadeiro débito. Deste modo, o desonesto administrador foi fazendo com que os devedores do seu senhor se tornassem também devedores seus. A sua ideia era que quando ele ficasse sem emprego, os outros haveriam de sentir-se na obrigação de lhe retribuir o favor e aceitá-lo.

Os pormenores da conduta imoral daquele administrador acabaram tam-

bém por chegar aos ouvidos do dono da empresa. Embora ele fosse, na circunstância, a pessoa que tinha de sofrer todo aquele prejuízo, o proprietário foi forçado a reconhecer que, pelos padrões humanos, o seu administrador tinha conseguido levar a cabo uma negociação inteligente.

Mas a questão agora é saber por que razão Jesus contou esta parábola. O Salvador não aprovou a desonestidade do administrador, assim como também não abonou a conduta do juiz injusto ou a das virgens loucas. Mas aquele administrador tinha mesmo demonstrado uma certa habilidade em preparar o futuro através do uso diligente e prudente das oportunidades do presente.

Na parábola de Jesus havia várias lições, assim como várias eram as espécies de ouvintes que ali estavam presentes. A parábola era uma história verdadeira e o incidente específico que ela relatava era familiar aos colectores de impostos que se encontravam entre os ouvintes de Jesus. Os colectores de impostos, como classe social, eram avarentos. Estavam sempre prontos a usar quaisquer meios, honestos ou não, para aumentar os seus lucros. A parábola de Jesus era para eles uma lição lamentável e terrível, que mostrava bem quanto longe, numa queda em espiral, o amor ao dinheiro pode levar.

Para os fariseus havia uma lição diferente. Deus confiara ao povo judeu um vasto tesouro de conhecimento e bênçãos espirituais. Era dever deles partilhar essas bênçãos com os outros, a fim de que todos pudessem ser conduzidos a uma relação salvadora com o Deus Criador. Mas eles tinham-se servido dessas bênçãos para si mesmos, exactamente como o mordomo da parábola que se apropriara dos bens do seu senhor para uso pessoal.

Contudo, mesmo no seu egoísmo, os fariseus não haviam feito quaisquer provisões para o futuro. Pensavam apenas no presente. Ainda assim, bem podiam aprender uma lição das muitas do mordomo infiel. Se modificassem os seus caminhos, se pensassem no bem-estar dos outros, quem sabe, talvez pudessem preparar-se para o seu destino eterno.

Para não ser mal interpretado, devo repetir, mais uma vez, que nesta

parábola Jesus *não* estava advogando a fraude ou a impostura. O que Jesus estava realçando era a necessidade de olhar para a frente, de preparar-se para o futuro. Se os homens de negócios honestos o fazem — e até os desonestos! — porque não olharão para o futuro os «filhos da luz», cidadãos do reino celestial?

Logo a seguir, Jesus fez uma declaração que à primeira leitura parece fora de propósito. Diz em Lucas 16:9: «Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles, nos tabernáculos eternos.» Os comentadores bíblicos acham, e Ellen White concorda, que as «riquezas da injustiça», neste caso, não se referem a ganhos obtidos ilicitamente, mas simplesmente ao dinheiro que usamos na terra em contraste com as riquezas espirituais do Céu (Ver *Parábolas de Jesus*, p. 371).

Por outras palavras: o dinheiro que ganhamos nesta terra deve ser usado de modo a agradar a Deus e aos anjos. Então, quando o dinheiro se tornar sem valor e todas as coisas temporais falharem, os anjos nos receberão no céu com alegria. Jesus continua e diz (versos 11 e 12): «Se não fostes fiéis quanto ao Dinheiro iníquo, quem vos confiará o verdadeiro bem? Se não fostes fiéis em relação ao bem alheio, quem vos dará o vosso?» (Versão de *A Bíblia de Jerusalém*, S. Paulo, Brasil, Edições Paulinas, 1987).

Aplicação da Parábola

A lição desta parábola é para todos. A vida é demasiado solene para ser absorvida em assuntos materiais ou terrenos. Onde é que nós nos situamos nesta parábola? Sim, porque nós também estamos entre os ouvintes de Jesus. Talvez possamos ser considerados uma mistura dos três grupos de ouvintes que escutaram a parábola quando ela foi primeiramente contada: os colectores de impostos, demasiado interessados no que este mundo tem para oferecer; os fariseus, a quem fora confiada uma mensagem salvadora para o mundo; e os discípulos, que tinham o privilégio da comunhão diária com o seu Senhor.

Toda a parábola tem a ver com preparação para o futuro. Enquanto teve emprego, o mordomo infiel não se preocupou com o futuro. Mas quan-

do este se lhe apresentou claramente diante de si foi obrigado a reflectir seriamente sobre o assunto e a dedicar-lhe o melhor da sua habilidade e esforço. A questão não é saber se o seu esquema era impróprio ou até ilegal. O ponto central, que tem de ficar claro nas nossas mentes, é que *ele pensou no futuro!* Jesus diz que os santos do reino devem ser pelo menos tão prudentes [a versão da Sociedade Bíblica do Brasil usa a palavra «hábeis»] e preocupados com o futuro como as pessoas do mundo.

O Mais Importante Acontecimento

A segunda vinda de Jesus é o acontecimento mais importante que este mundo verá. É impensável que não estejamos preparados para ele. O nosso futuro eterno é de longe mais importante que os nossos negócios materiais. Se conseguimos administrar os nossos assuntos terrenos, deveríamos também ser capazes de ver o que é necessário para a nossa preparação para o céu, e fazê-lo.

Quão fácil é, porém, ver as coisas de modo distorcido e ficar confuso quanto às nossas prioridades! Às vezes, ficamos tão envolvidos em «progredir» que parece que perdemos a nossa percepção e discernimento espirituais. «Aqueles que passam a vida amontoando tesouros mostram menos sabedoria, menos bom senso e cuidado pelo seu bem-estar eterno do que o mordomo infiel quanto ao seu sustento material.» (*Parábolas de Jesus*, p. 372.)

Precisamos de nos lembrar da advertência de Jesus quanto a nos deixarmos envolver pelos encantos que o mundo oferece. Na história do semeador, uma parte da semente caiu entre os espinhos. Jesus disse que os espinhos representam «os cuidados, e riquezas, e deleites da vida» (Luc. 8:14), que sufocam as nossas aspirações espirituais. Não é preciso sermos ricos para se cair nestas tentações. O simples facto de desejar ser rico, ou, mais exactamente, de dedicar demasiado do nosso tempo e interesse a assuntos temporais, acaba por ter os mesmos resultados.

Na sua essência, a pergunta de Jesus é esta: Porque gastais tempo e energias com assuntos materiais quan-

do é o vosso destino eterno que está em jogo?

Há pessoas que têm tanta agilidade mental que são capazes de pensar em várias coisas ao mesmo tempo. Mas não é possível a ninguém *concentrar-se* em mais de um assunto de cada vez, e isto porque esta palavra significa pôr em foco, fazer convergir os nossos pensamentos para determinado assunto. [O *Dicionário Prático Ilustrado*, Porto, Lello & Irmão, 1974, define assim *concentrar-se*: «Aplicar em um objecto único; concentrar num plano toda a sua acção, preocupar-se de uma só coisa ou meditar nela, abstraindo de tudo o mais. Meditar profundamente.»] O apóstolo Paulo diz: «Uma coisa faço... Prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação em Deus em Cristo Jesus» (Fil. 3:13, 14).

Estarão as principais coisas nossa vida levando-nos em direcção ao céu ou afastando-nos dele?

No livro da «Revelação de Jesus Cristo» [ver Apocalipse 1:1], a igreja de Laodiceia não avança em qualquer direcção. Está satisfeita com a sua actual condição. «Não és nem frio nem quente... dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta» (Apoc. 3:15-17). Parece incrível que exista uma tal situação entre o próprio povo de Deus que diz crer que Jesus virá em breve! Decerto que este povo, que vê cumpridos quase todos os sinais da vinda de Cristo, se deveria encontrar bem desperto, vigilante, sóbrio, expectante e preparado. Mas o anjo de Laodiceia diz que estão letárgicos e sonolentos.

Harry Emerson Fosdick, notável pregador da área de Nova Iorque, relatou um dia o caso de um colega seu, de escola, que decidira fazer os seus

trabalhos escolares de modo «científico». Comprou uma secretária especial, de modo a manter o livro exactamente no devido ângulo; a seguir adquiriu uma lâmpada apropriada para iluminar o livro de modo correcto; depois arranjou estores especiais para filtrarem a luz exterior, chinelos e roupão confortáveis, que o colocassem na disposição de espírito própria para um estudo científico. Este estudante chegava a casa, vestia as suas roupas especiais, ajustava a sua luz, os seus estores, a sua mesa, abria o seu livro — e adormecia! Laodiceano!

Negando o Que é Óbvio

Faz parte deste quadro que as mesmas pessoas que negam ser laodiceanas, por esse mesmo facto demonstrem que o são. Aqueles que dizem «Os reavivamentos são para os outros; eu estou preparado» são os que mais precisam de um reavivamento. Por isso, Jesus apela: Arrepende-te da tua mornidão, da tua auto-satisfação, da tua prontidão em te conformares com este mundo. Sê zeloso — o oposto da mornidão! Pega fogo!

Há apenas alguns meses que teve lugar a assembleia da Conferência Geral. Depois de ouvir relatórios do progresso do Evangelho em muitos lugares do mundo, a Igreja estabeleceu planos para uma estratégia global de evangelismo. Não mais uma abordagem feita pouco a pouco: o nosso alvo é o mundo, e todos os nossos recursos vão ser dedicados a evangelizar o mundo. «Dias, semanas e meses vão-se passando; temos menos um dia, uma semana, um mês em que fazer nossa obra. Quando muito alguns anos mais, e a voz a que não podemos deixar de responder será ouvida, dizendo: 'Dá contas da tua mordomia'.» (*Ibid.*, pp. 373, 374).

Estaremos nós dispostos a recon-sagrar-nos hoje a Deus? Não adiemos para o fim da semana ou para o fim do dia. Analisemos o custo: as coisas mais importantes da nossa vida, isto é, aquelas de que mais gostamos, estarão elas levando-nos em direcção ao céu ou afastando-nos dele? Se a nossa vida continuar tal como está agora, onde é que ela nos levará?

O apóstolo Paulo faz o seguinte ape-

lo à igreja de Colossos, e certamente a todos nós: «Portanto, se fostes resuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;... Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno, e a avareza, que é idolatria;... Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afectos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade... Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. ... E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em acção, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai» (Colossenses 3:1-17, Versão da Sociedade Bíblica do Brasil, revista e actualizada):»

Esta última frase resume tudo: «Fazei-o em nome do Senhor Jesus». Se fizermos esta espécie de entrega, as coisas desta terra perderão o seu brilho. Quando fazemos uma tal entrega, Cristo torna-Se o primeiro e o último e o melhor, e então tudo o mais toma o seu devido lugar — e nós tomaremos também o nosso devido lugar, que é ao lado de Jesus, agora e na eternidade.

Perguntas para Reflexão

1. Explique Lucas 16:8 — «E louvou aquele senhor o injusto mordomo.» Quem é aqui o «senhor»?
2. Quanto do nosso dinheiro pertence a Deus, e quanto a nós mesmos?
3. Aplique as lições da parábola do mordomo infiel: (a) à igreja; (b) à sua vida pessoal.

Domingo, 25 de Novembro

Madelyn Jones-Haldeman

Cansados de Esperar?

A aparente demora de Cristo é um teste à nossa coragem

«Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu Senhor tarde virá; e começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os temulentos, virá o Senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes» (Mat. 24:45-51).

A segunda vinda de Jesus tem estado na boca dos cristãos há perto de dois milénios. Embora uma leitura casual dos Evangelhos alerte o leitor para o facto de Jesus falar muito mais de assuntos práticos, do dia-a-dia, do que da Sua volta, ainda assim este é um tema importante no Novo Testamento.

A própria Igreja Adventista do Sétimo Dia prega o «tempo do fim» (que começou em 1798, no termo dos 1260 anos de perseguições medievais) e o julgamento que precede o Advento (período que começa em 1844, no fim dos 2300 anos de profecia de Daniel 8:14). Estes são valiosos marcos proféticos que nos mostram claramente em que lugar nos encontramos no transcurso do tempo. Mas para além das referências proféticas, alguns zelosos membros têm por vezes sucumbido à tentação de fixar uma data, mais ou menos definida, para o Advento.

Como a personalidade humana só consegue manter o entusiasmo e a esperança no seu máximo durante um breve período de tempo, tais tentativas e fracassos acabam por resultar

em desânimo. Isto não significa que a igreja não deva proclamar o Segundo Advento. Mas fariamos bem em evitar usar a pressão do tempo para motivar os membros «a prepararem-se». Em vez disso, fariamos melhor em realçar os meios que os cristãos têm ao seu dispor para crescerem em Jesus Cristo e se tornarem seres humanos produtivos, que atingiram a sua plena maturidade.

Em 1851, Ellen White escreveu: «O Senhor mostrou-me que a mensagem deve ir, e que não deve depender de tempo; pois o tempo não será nunca mais uma prova. Vi que alguns estão ficando com uma falsa excitação, nascida de pregar-se o tempo; vi que a terceira mensagem angélica pode subsistir sobre o seu próprio fundamento e que não precisa de nenhum tempo para fortalecê-la, e que ela irá com forte poder, e fará sua obra e será abreviada em justiça.» E em 1892: «Não devemos viver em excitação acerca do tempo. Não nos devemos absorver com especulações relativamente aos tempos e às estações que Deus não revelou. Jesus disse a Seus discípulos 'vigiai', mas não para um tempo definido.» (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pp. 188, 189).

A doutrina da Segunda Vinda tem sido algumas vezes objecto de abuso inconsciente. Os belos ensinamentos têm sido transmitidos aos sofrendores como se esta esperança pudesse fazer com que a dor e o sofrimento que sentem desaparecesse imediatamente. Alguns sugerem que não se pode sentir tristeza à luz da breve vinda do Salvador. Como pais e professores, talvez nós sejamos culpados do uso inadequado da promessa da volta do nosso Senhor para amedrontar os jovens e levá-los a comportamentos que nós consideramos essenciais para a salvação.



Neal C. Wilson, presidente da Conferência Geral durante 12 anos, foi substituído nessas funções em Julho do corrente ano, por ocasião da 55.ª sessão da Conferência Geral..

Não Se Afligir

O pior uso que se pode fazer da doutrina da Segunda Vinda ocorre quando em vez de ensinarmos as pessoas como lutar com as suas angústias e ansiedades do presente, apenas lhes asseguramos que Jesus vai voltar em breve e que, por isso, não precisam de preocupar-se mais com esses problemas. A teologia do doce-no-céu não nos proporciona quaisquer técnicas para lidar com os problemas nem nos dá a consciência da realidade presente. E às vezes, os cristãos que têm o medo como motivação da sua vida religiosa desistem em favor de objetivos ou movimentos que os ajudem a esquecer as suas mágoas e angústias do presente.

A doutrina da Segunda Vinda deve proporcionar alegria, e não tristeza; deve ser um raio de esperança, e não uma nuvem de desespero; um bem positivo, e não uma experiência negativa; paz, e não angústia. Saber que Deus está ao leme, que tudo está sob o Seu controlo e que tudo vai bem com as nossas almas é a mais valiosa convicção que podemos ter.

A passagem das Escrituras que escolhemos para a leitura de hoje encontra-se em Mateus 24:45-51, e inclui esclarecedora informação para aqueles que se interrogam: «Onde está a promessa da Sua vinda?» Trata de um escravo do primeiro século. Os escravos desse tempo não recebiam qualquer recompensa por cumprirem o seu dever. A alguns, devido à sua integridade e fiel mordomia, foram dadas posições de chefia sobre outros escravos. Todavia, nem por isso deixavam de ser escravos e esperava-se deles que, em qualquer circunstância, cumprissem os seus deveres com eficiência.

O escravo da parábola parece cobiçar uma posição mais elevada: governar sobre todos os bens do seu senhor. Administrar os recursos e as despesas de uma casa dá ao servo um virtual controlo de toda a propriedade. Ele sente-se motivado pela posição que ocupa e pelo poder de que dispõe. Quando o dono regressar, vai ser promovido. Mas o senhor demora o seu regresso, ou é o servo que assim o imagina, e a posição que ele almeja não está ainda à vista.

Embora este servo pareça ser alguém de promissor, que tem êxito no

que faz, a demora do seu senhor e a promessa da sua promoção que tarda em cumprir-se acabam por fazê-lo mostrar-se tal como é na realidade. O seu comportamento de bêbado começa a demonstrar que ele não estava preocupado com o senhor da casa, mas apenas consigo mesmo. Que não se importava com os seus conservos, escravos como ele; na realidade, a parábola relata até a sua crueldade para com eles.

Escolhendo a Liberdade

Os escravos do primeiro século não eram todos tratados da mesma maneira. Alguns escravos domésticos recebiam não só alojamento e alimentação, educação, hospitalização e lugares de sepultamento, mas também uma certa soma de dinheiro que os poderia habilitar a comprarem a sua liberdade. Por outras palavras: os escravos do primeiro século podiam eventualmente deixar a casa do seu senhor se assim o desejassem e era-lhes facilitado exercer essa escolha.

Porém, se um escravo se tornasse cruel para com os outros escravos e não cumprisse as tarefas que o senhor da casa lhe designara, tornava-se claro para todos que ele era incompatível com a família dessa casa. Ele podia então ser vendido a outro senhor. Na maioria dos casos, os escravos eram tratados com respeito pelos seus donos e era-lhes feito sentir que faziam parte da família.

O escravo que diz para consigo: «O meu senhor tarde virá» soa como uma urgente advertência à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Pensamos muitas vezes que o horário de Deus é o mesmo que o nosso, e por isso temos dificuldade em compreender a razão por que que Cristo ainda não voltou. Achamos que Deus já teve tempo suficiente para terminar o julgamento. E porque não compreendemos os providenciais caminhos de Deus, alguns ficam descontentes e desanimados. Às vezes, a dúvida é exarcebada porque zelotas não sábios, de cada vez que ocorre uma guerra ou uma catástrofe, ou mesmo um fenómeno natural, propõem novas datas para a vinda de Jesus e nós constatamos que tudo isso falha.

A parábola registada em Mateus é para nós hoje. O servo apenas tinha de preparar o alimento para a família

da casa. Esse trabalho simples, porém, era uma necessidade e um dever quotidiano. Representa as nossas vidas diárias: o trabalho que temos de fazer para ganhar a vida, para tomar conta das nossas famílias e viver como cristãos compassivos. Em certo sentido, a parábola significa que devemos viver a nossa vida de cada dia com fidelidade e integridade. A parábola não nos diz nunca quanto tempo o Senhor vai demorar a voltar, mas também não é esse o ponto importante da sua lição.

Não podemos forçar-nos ao arrependimento, nem a nós nem ao mundo, pelo simples facto de proclamarmos uma data específica para a Segunda Vinda. Conjecturar sobre a data do regresso de Cristo, por mais sedutor que isso se apresente, não produzirá os resultados desejados. Tratar dos assuntos do Senhor da família demonstra que somos servos fiéis. Foi-nos dada uma comissão evangélica pelo Senhor (Mat. 28:19, 20); ao respondermos fielmente ao nosso chamado, temos, simultaneamente, de esperar pacientemente, «dos céus o Seu Filho» (I Tess. 1:10).

A admoestação de que «vigieiros», que se encontra em Mateus, sugere que devemos examinar as nossas razões para crer na iminência da Segunda Vinda. Será que a nossa principal esperança é escaparmos ao facto de ter de morrer? Pensamos nós que ser salvos é ser poupados aos problemas de um mundo difícil? Esperamos poder assim evitar de ter de aprender a crescer emocional e mentalmente? Se assim é, haveremos de ficar tristemente desapontados.

A esperança da Segunda Vinda do nosso Salvador, quando genuinamente mantida, não nos afasta dos desafios da vida presente nem do facto de sermos pessoas que se importam com os outros e trabalham em seu favor. Tomemos, pois, a sério o significado da parábola. Como cristãos, temos a casa do Senhor de que cuidar, isto é, a Sua família mundial. Deixemos de tentar que o horário de Deus caiba nas nossas estruturas temporais. Nós temos uma bem-aventurada esperança; não a transformemos num sombrio desapontamento. E uma vez que a palavra *demora* descreve realmente o nosso desapontamento e desânimo, e não o tempo e horário de Deus, resistamos

a usar tal palavra em referência à Segunda Vinda.

Não podemos ter uma compreensão clara de causa-a-efeito sobre a maneira como Deus opera no nosso mundo. O universo é demasiado complexo para que a nossa compreensão finita o possa entender. Os escritores da Bíblia apenas nos dão um esboço dos acontecimentos e profecias, com frequentes e amplos espaços entre eles. Uma vez que Deus não achou apropriado preencher esses espaços específicos, guardemo-nos nós de o fazer.

O servo infiel tentou calcular o tempo da chegada do seu senhor. Talvez pudéssemos dizer que *ele* procurou inserir nesse espaço específico o seu próprio conceito do que constituiria um segmento de tempo razoável para uma viagem.

A parábola mostra que o comportamento baseado na esperança de recompensa ou na ameaça de calamidades não é uma expressão correcta do nosso verdadeiro ser. Quando se não materializa a recompensa, em vista da qual o nosso comportamento é exibido, abandonamos esse comportamento em favor daquele outro que se enquadra no nosso verdadeiro eu.

Dado que Deus, na Sua sabedoria, achou por bem não nos dar a data exacta da segunda vinda de nosso Senhor e Salvador, fariamos bem em seguir o conselho do Velho Testamento: «Espera no Senhor, anima-te, e ele fortalecerá o teu coração; espera, pois, no Senhor» (Sal. 27:14).

Perguntas para Reflexão

1. Como podemos evitar de ficar queimados na nossa esperança da Segunda Vinda de Cristo?
2. Porque é que Deus não achou por bem dar-nos a data exacta do regresso do Senhor?
3. A autora sugere que deveríamos evitar o termo *demora* em referência à Segunda Vinda. Que razão terá para dizer isso? Concorda?
4. Qual é a melhor maneira (ou as melhores maneiras) de esperar a volta de Jesus?

Segunda-feira, 26 de Novembro

Bob e Bev Bretsch

Usando o que temos

A parábola dos talentos fala-nos de alguém que muito amou.

Ler: Mateus 25:14-30.

Parece estarmos a ouvir alguém a gabar-se, não é? O primeiro servo respondeu: «O que é que eu fiz? Pois bem, tu entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco que eu ganhei com eles». Semelhantemente, o segundo servo apresentou o seu relatório: «Tu entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjiei outros dois talentos.» É como se estes dois homens viessem ao seu senhor e desejassem que ele reparasse nas suas realizações: «Vê, senhor, o que fizemos. Não estás orgulhoso de nós?»

Mas não foi exactamente isso o que aconteceu.

A história é a seguinte: Ao partir em viagem, um homem confia os seus bens aos seus mais leais servos. Divide, simplesmente, a sua riqueza por eles. Não lhes disse que voltava. Não lhes disse que investissem o dinheiro. Não lhes disse que eles iriam ser julgados pelo uso que fizessem do que lhes dera. Não lhes disse que quando voltasse queria que lhe devolvessem o seu dinheiro.

No entanto, parece que de algum modo eles sabiam todas estas coisas. Talvez isso estivesse implícito na relação do senhor para com os servos. Talvez eles conhecessem a personalidade do senhor e soubessem o que esses dons implicavam.

O certo é que quando o senhor voltou, eles estavam preparados para lhe restituir o que lhes fora dado. O primeiro servo devolveu os cinco talentos com mais outros cinco. O senhor ficou satisfeito. O servo seguinte devolveu dois talentos extra juntamente com os dois que recebera. E a observação «Bem está» soou aos seus ouvidos.

O terceiro servo, porém, devolveu apenas um talento. Não fizera nada com o talento que o seu senhor lhe deixara. O amo não ficou contente — não porque precisasse do lucro do seu dinheiro, mas porque este servo, por medo, não fizera nada.

Assim, o senhor deu o seu talento àquele que tinha dez e despediu o terceiro servo. Ele não podia ter ao seu serviço uma pessoa que tinha medo dele.

O Contexto do Julgamento

Quando Jesus contou esta história, colocou-a no contexto do julgamento e da preparação. Queria dizer-nos que não sabemos quando terá lugar o juízo e que, por isso, devemos estar sempre preparados para esse acontecimento. A seguir, Jesus explicou como estar preparados. Ele diz-nos que devemos *estar preparados* e não que nos *preparemos*. Aqueles que não conhecem a Cristo e a Sua salvação precisam de *preparar-se*. Mas os cristãos, que conhecem a fonte da salvação, são instruídos a *estar preparados*. Em Colossenses 1:12, fala-se do «Pai, que nos fez idóneos para participar da herança dos santos na luz.» Isto não implica negligência ou letargia. Pelo contrário, é-nos comunicada alegria na realização do nosso futuro — um futuro que nos é assegurado no Pai e no Filho pelo ministério do Espírito Santo. Deste modo, nós permitimos que Deus termine a obra que Ele começou em nós no momento da nossa conversão. Os nossos caracteres são transformados, o pecado é atacado e vencido na sua origem e em seu lugar é o amor que ganha expressão através das nossas acções e reacções.



Madelyn Jones-Haldeman, doutora em teologia, é professora de religião na Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos.

Perfil de um Escravo

Para nos transmitir a verdade que nos deseja ensinar, Jesus usa três palavras que, em si mesmas, são como que um quadro desta história. O primeiro quadro é o de um servo. Na realidade este servo é um escravo. Ele é propriedade total do seu senhor. Seja o que for que imaginemos acerca de um escravo, o facto fundamental a seu respeito é este: um escravo não tem nenhum poder.

E talvez este seja também o ponto fundamental da história de Jesus. Estes três escravos, embora sem qualquer poder de seu, receberam riqueza suficiente para transformar completamente as suas vidas. Foi o modo como usaram essa riqueza que revelou o seu carácter.

Alguns psicólogos acham que um dos instintos básicos da pessoa humana é o seu desejo de poder. Nós lutamos por poder porque com poder podemos proteger-nos a nós e aos que amamos e influenciar a esfera de acção em que vivemos, de modo a controlar os outros.

Ninguém escapa ao facto de ter de lidar com o poder. Ou sofremos devido ao poder que outra pessoa tenta ganhar, ou procuramos, nós mesmos, ganhar poder.

Mas ser escravo significa não ter qualquer poder. Se vós e eu estamos representados nesta história, a nossa impotência torna-se, de facto, um princípio fundamental. Não admira que muitos cristãos se recusem a responder ao chamado para o trabalho de Deus. Ninguém gosta de não ter poder. E é isso, todavia, o que se requer. Um escravo não tem nenhum poder de seu, mas se estiver a fazer o trabalho do seu senhor, tem o poder deste à sua disposição.

John R. W. Stott, na pág. 106 do seu livro *The Preacher's Portrait*, diz que «o primeiro passo para se receber o poder é o humilde reconhecimento da nossa falta dele.» «Precisamos de poder», escreve ele, «não apenas nas nossas vidas, mas também no nosso ministério. Nunca começaremos a buscar o poder de Deus até não conseguirmos ver a inutilidade de tentar proclamar a Palavra de Deus apenas na fraqueza humana.»

A Mensagem dos Talentos

O segundo quadro que Jesus descreve é o dos talentos. Qualquer que se-

ja o nosso cálculo quanto à soma de dinheiro dada àqueles servos, de uma coisa podemos estar certos: é que mesmo um talento era de longe mais do que qualquer dos escravos já tivera antes em sua posse. O senhor era de facto um proprietário generoso. Deu a cada um uma soma que excedia em muito as suas maiores fantasias.

Do mesmo modo, quando Deus nos distribui talentos, Ele concede a cada um segundo o conhecimento que tem quanto ao alcance desses talentos e quanto à capacidade de cada crente para os desenvolver. E cada um de nós pode participar da alegria de saber que tem um Deus que dá em abundância que excede os nossos mais elevados sonhos. Se não for Ele a dar-nos talentos, nós nada teremos em nós mesmos de valor. Se juntarmos a nossa falta de valor à nossa falta de poder, talvez possamos começar a compreender então a condição de um escravo.

Mas para o cristão há uma diferença. O nosso Mestre é generoso, gracioso e tão cheio de sabedoria que nos dá de acordo com o que nos pode tornar mais felizes e completos. A alguns, Ele dá cinco talentos; a outros, dá dois; e a outros, ainda, dá um. Mas o que quer que nos dê, torna-nos incrivelmente felizes — ou deveria tornar-nos.

Perfil do Senhor

O quadro mais importante é o do Senhor. Olhamos frequentemente para a autoridade como sendo um cargo para o qual se é eleito ou nomeado. Falando de modo geral, os nossos «senhores» são aqueles outros seres humanos que de algum modo possuem autoridade sobre nós. Ora isto não é bíblico. Quem, segundo a Bíblia, possui autoridade? Quem é «senhor»? De acordo com as Escrituras, vós e eu não temos autoridade. Só um tem autoridade: Jesus Cristo.

Nós somos escravos nascidos sem poder ou valor. É o Senhor quem nos dá tanto o poder como o valor. O nosso problema é a dificuldade que temos em saber como permitir-Lhe que seja a cabeça em todas as coisas. Ao pensar, erradamente, que Ele nos nomeou cabeça, nós tentamos conduzir os nossos ministérios com os nossos próprios dons ou capacidades. Porém, o que somos chamados a fazer é submeter-nos a Ele, compreendendo que os talentos que temos são os Seus talen-

tos. Os dons que temos são Seus.

Quando compreendermos este princípio, começaremos a compreender o que é a verdadeira liberdade. Ao relatar-nos Jesus a resposta dos escravos à grandeza do Senhor, nós vemos a liberdade em acção. Os dois primeiros escravos falam em termos tais que à primeira vista parece jactância: «Tu deste-me cinco talentos. Tu deste-me dois talentos. Olha para o que fizemos com eles! Nós duplicámo-los!» Duplicaram-nos, de facto? Não; Porque só Deus dá o crescimento. Então, onde está a razão para tão exuberante relatório? Eles sabiam que o senhor ficaria contente com eles.

Partilhando Boas Notícias

Lembram-se de alguma vez que tenham dado boas notícias a vossos pais ou a alguém de importante na vossa vida? Talvez fosse um relatório da primeira classe, uma realização desportiva, ou a vossa entrada para a universidade. A vossa alegria só era completa se os vossos pais ou amigos se vos associassem. Ao partilhar com eles notícias da vossa boa sorte, os seus sorrisos eram a prova de que tínheis valor aos seus olhos e de que todos participavam da vossa alegria.

Estes dois escravos também sentiam isso em relação ao seu senhor. Sabiam que podiam partilhar a alegria daquele momento, porque sabiam que Ele sorriria com aprovação e Se associaria à Sua alegria. Todo o céu se uniria à sua satisfação. A mais elevada alegria de Cristo é que o Seu povo partilhe a Sua glória (ver *Testemunhos para Ministros*, pp. 20, 21).

Mas o terceiro escravo nunca conheceu esta alegria. Ele escondeu o seu talento na terra com as seguintes palavras: «E aterrorizado...» (Mat. 25:25). Ele sentia que não podia manifestar alegria ao seu senhor. Medo do fracasso e medo do senhor impediram-no de receber a alegria dos talentos usados ao serviço do Senhor.

O medo é o maior inibidor do trabalho nesta terra. Deus provê-nos liberalmente com dons e capacidades. Mas na medida em que sentirmos medo, ou incerteza a Seu respeito, falharemos em usar essas capacidades e dons. Podemos compreender que, como cristãos, somos chamados a usar os nossos dons como pontes sobre todos os segmentos da nossa sociedade. Podemos compreender que tudo o que

temos vem de Deus. Podemos reconhecer a Jesus como nosso Senhor e Mestre. Podemos ter muitos dons, mais do que apenas um ou dois. Podemos saber que não devemos ficar ociosos enquanto esperamos o regresso de Cristo. Podemos reconhecer que há indivíduos a quem Deus colocou na nossa esfera de influência para que mais facilmente que qualquer outro nós lhes levássemos a mensagem de Cristo. Mas se tivermos medo, esconder-nos-emos e recusaremos o risco com receio de fracassar.

O chamado para usar os nossos talentos e dons é, em primeiro lugar, um chamado para conhecer ao Senhor. É por isso que Jesus disse várias vezes durante o Seu ministério que se conhecêssemos a verdade, a verdade nos libertaria (ver João 8.32). Uma vez e outra Jesus diz aos Seus seguidores: «Não temais». E em I João 4:18, lembra-nos que «o perfeito amor lança fora o temor.»

A revolução de serviço e reavivamento que se espera que tenha lugar, baseia-se na busca da verdade — a verdade que, como escravos, não temos «poder» nem «valor». É Deus quem nos dá diferentes dons e capacidades, os quais Se fundamentam no Seu próprio poder e valor. E Deus, sorridente e confiante, espera ansiosamente que partilhemos a Sua alegria.

Será preciso fazer alguma coisa? Em primeiro lugar, busquemos a verdade acerca de Deus, com renovado vigor e determinação. Ele nos dará então dons e talentos com os quais se operará uma revolução no nosso apostulado.

Perguntas para Reflexão

1. Qual era de facto o problema do terceiro servo? Teria o seu senhor razão em ser duro com ele? Porquê?
2. Que lição espiritual os autores desta leitura tiraram das condições sociais dos escravos no século I?
3. Que perfil de Deus emerge desta parábola?

Terça-feira, 27 de Novembro

Darold Bigger

Ovelhas e Bodes

A igreja que realmente ama ministra aos que estão desanimados e afastados.

«Quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda» (Mat. 25:31-33).

Encontrávamo-nos numa colina olhando a cidade de Jerusalém. A vista era deslumbrante, e histórias de reis, profetas, discípulos, e de Jesus, nosso Senhor, acudiam à nossa mente.

Longe do rumor da cidade, sem ruídos que nos distraíssem ou captassem a nossa atenção, ali ficámos silentes na frescura luminosa de uma manhã de Dezembro, absortos em meditação.

Então, o tinar de um sino distante, a princípio debilmente, começou a ficar cada vez mais forte. Não conseguíamos descobrir de onde vinha aquele som, até que se aproximou um rebanho de ovelhas e vimos que vários animais tinham sinos atados ao pescoço. Um pastor conduzia os animais para o pasto.

Nos últimos dias, tínhamos visto muitos rebanhos de ovelhas, mas de longe. Ao ver este, de perto, descobrimos que se tratava de ovelhas maiores, com lombos e patas maiores do que as que geralmente vemos na América do Norte. Grande parte delas eram brancas com as cabeças escuras ou pretas. A sua lã era também longa, e parecia que alguém as envolvera num cobertor de longo pelo.

Reparámos então em dois ou três animais do grupo, que pareciam diferentes dos outros. Eram mais escuros em todo o corpo, mais altos e a sua «lã», era mais lisa. As suas orelhas eram também ligeiramente mais lon-

gas, mas estavam caídas ao longo das cabeças e isso era difícil de notar à distância. Eram cabras (e bodes) num rebanho de ovelhas (e carneiros). Mas para os nossos olhos destreinados pareciam quase iguais.

Passaram perto de nós a passo vivo, e tão depressa como vieram, assim se foram. Mas deixaram uma lembrança duradoira quanto a uma nova maneira de ver as ovelhas e os bodes da parábola de Jesus.

Ovelhas e bodes ocupam um lugar central nos versículos que acabamos de ler. Simbolizam os bons e os maus, os justos e os ímpios, os remidos e os perdidos.

Porque é que Cristo escolheu estes animais como exemplos nesta parábola? Haverá algo na sua natureza que os torne especialmente apropriados à Sua mensagem?

Escolhas

Em primeiro lugar, observemos o contexto desta história para ver o que Jesus procura ensinar-nos. *Leiamos toda a parábola em Mateus 25:31-46.*

A leitura de hoje faz parte da sequência final do ensino de Jesus em Jerusalém, durante a semana da crucifixão. A Sua vida provocara controvérsia e divisão. Embora muitos estivessem ansiosos que o Messias viesse, poucos estavam preparados para aceitar a espécie de Messias que Jesus era. Tinham visto os Seus milagres, tinham ouvido os Seus ensinamentos e reconhecido o Seu carisma. Mas estavam hesitantes quanto a tomar a decisão de permitir que Ele Se tonrasse o seu Senhor.

Mateus apresenta-nos Jesus pregando no Templo mensagens que apelavam a uma decisão. Era o momento das verdades que testam e dos apelos

Bob Bretsch é pastor senior da igreja de College View, em Lincoln, Nebraska, E.U. Sua mulher, Bev, acompanha-o neste ministério.



que sondam os corações. O capítulo 25 de Mateus começa com a parábola das 10 virgens e continua com a parábola dos talentos. Estas histórias não apresentam mais informações acerca do Messias: assumem que todos os dados necessários estão já com os ouvintes. Em vez disso, realçam a importância de agir de acordo com essa informação: fazer uma escolha e viver de acordo com a mesma. A mensagem destas parábolas era o altar do chamado de Jesus.

A Natureza dos Animais

Haverá algo na natureza das ovelhas e das cabras [bodes]* que reforce o chamado a uma vida de entrega e serviço?

A primeira coisa a notar é que nem todos os bodes [cabras] são maus. Mesmo nas Sagradas Escrituras eles representam coisas boas e más. Cortinas de pele de cabra protegiam o tabernáculo do deserto, e nos sacrifícios eram também usados cabras e bodes. A carne de cabra era um alimento bastante popular naqueles tempos antigos e foi algumas vezes usada como iguaria para hóspedes importantes (tanto Gideon como Manoá ofereceram-na aos anjos). O leite de cabra era usado como bebida, da sua pele faziam-se odres e do seu pelo fabricavam-se panos para tendas. Sim, as cabras — e os bodes — são animais valiosos.

Porquê, então, elas simbolizam tantas vezes os maus, ao passo que as ovelhas estão associadas aos bons?

Um dia, após o culto de Sábado, pedi a um membro de igreja, que criava cabras, que as comparasse com as ovelhas. Ela chamou o marido, que era agricultor e tanto um como o outro não tiveram qualquer dificuldade em descrever o contraste entre as duas espécies de animais.

As ovelhas, disseram, são amigáveis. Pode desenvolver-se com elas uma relação de amizade e dão excelentes animais de estimação. São amigas e mansas, tanto umas para as outras como para as pessoas. Explicaram-me que minha experiência de infância, de um rebanho a correr atrás de mim (um carneiro perseguiu-me até

ao tronco de uma árvore!) era uma ocorrência muito rara. A maioria das vezes, disseram, especialmente com pessoas a quem estão ligadas, as ovelhas são dedicadas e leais. «Veja como seguem um pastor», lembraram.

Quando ovelhas com fome vêm uma erva melhor no outro lado de uma cerca não muito forte, elas empurram-na e passam para o outro lado. Quando o mesmo acontece com cabras, elas quebram-na, trepam ou saltam por cima, mesmo que não tenham fome! As cabras são volúveis, teimosas e distantes. Fazem poucos amigos. Raramente se podem tornar animais de estimação, a não ser que sejam adquiridas quando ainda muito jovens e se mantenha com elas uma ligação contínua. As cabras são independentes, insubordinadas, egoístas e caprichosas. São más umas para as outras, gostam de arranjar lutas, empurram as outras da comida ou da brincadeira e parecem gostar de atormentar as mais fracas.

O ministério em favor
dos necessitados pode
passar despercebido
na terra, mas não passa
despercebido no céu.

Ora, quando nós vimos na Palestina ovelhas e cabras no mesmo rebanho, pareciam-nos animais iguais. Vistos à distância, era muito difícil dizer quais as diferenças. Mas o pastor que os cria e guarda, que os trata e protege, nunca os confunde. Por mais semelhantes que pareçam, ele pode facilmente apartar uns dos outros, pela simples maneira como eles se tratam uns aos outros.

A Base do Julgamento

Bem! Isso ajudou-me a compreender a razão pela qual escolheu os bodes [macho das cabras] para representar os maus na sua história e porque Mateus, em particular, se lembrou disso. Mateus era o advogado dos fracos, dos pobres, dos párias da sociedade. Foi ele que uma vez e outra relatou episódios da bondade de Jesus para com as crianças, as adúlteras, os leprosos, as mulheres e os colectores

de impostos. Todos estes grupos eram menosprezados pela cultura judaica, nos dias de Cristo. Como colector de impostos, Mateus sabia bem o que era ser discriminado, rejeitado, afastado e evitado.

Todavia, Jesus impressionou grandemente os Seus contemporâneos ao procurar tocar todos esses grupos. Ele não se importava com o que as pessoas pareciam ou com o grupo a que pertenciam. Estava muito mais preocupado com a maneira como agiam uns para com os outros.

E este é o ponto central da nossa história. Quando chegar o fim, haveremos de ser julgados não quanto à pureza da nossa doutrina, mas quanto à nossa bondade, quão compassivos e interessados pelos outros nós somos. Isto é fundamental. Não basta ter convicções. Temos também de agir de acordo com essas convicções, mostrando bondade e compaixão. Enquanto nos orgulhamos de como é a nossa doutrina, negligenciamos, algumas vezes, a dádiva de bondade pessoal. Temos de aprender a partilhar com o coração e não apenas com a cabeça.

Decerto que o compromisso intelectual ou a ortodoxia doutrinária não bastam. É antes a maneira como vivemos as nossas crenças doutrinárias que determina o nosso valor terreno e o nosso destino eterno. Esta é a mensagem da história das ovelhas e dos bodes.

Não é interessante notar que nenhum dos grupos reconheceu as consequências eternas da sua conduta? Nem os que minsitram aos necessitados nem os que o não fizeram compreenderam que o que tinham ou não tinham feito dia a dia tinha qualquer relação com o Rei do universo.

Há aqui uma lição para nós. Cada oportunidade de serviço humano tem conotações divinas e consequências eternas: o ministério aparentemente mundano em favor dos necessitados e dos discriminados pode passar despercebido à imprensa terrestre, mas não passa despercebido no céu. Isso deveria dar-nos motivo para um sério exame pessoal e institucional. «A Igreja que se preocupa» deve ser mais do que um slogan. Baseia-se em sólidos princípios teológicos.

Ovelhas ou Bodes?

Assim, que podemos nós fazer para ter a certeza de que somos ovelhas

* Na analogia bíblica, sobretudo no V.T., «cabra» perde o seu nome para o macho, *eriphos* (Mat. 25:32). Algumas versões traduzem por «cabrito», que será mais exacto. A palavra deve entender-se como abrangendo macho e fêmea: bodes e cabras.

e não bodes? Não se precisa de longas listas do que se deve e não deve fazer — isso só nos torna mais rígidos, mais levados a julgar, mais legalistas e *menos* amigáveis e compassivos.

O que precisamos é deixar que isso aconteça. Um estilo de vida amigável e compassivo deve vir naturalmente — deve brotar do coração da nossa crença e sistema de valores. Não pode ser estudado, analisado, promovido ou memorizado, sob pena de perder o seu próprio encanto.

As oportunidades para servir são provas à nossa religião. Cada ocasião prova a veracidade das nossas doutrinas e a coerência das nossas vidas. Por essa razão, os necessitados são marcos na nossa jornada, e não interrupções ao nosso progresso.

Possamos nós dar valor às *pessoas*, querer-lhes, segundo o sistema de valores de Deus. Toda a verdadeira doutrina no mundo não poderia ocupar um lugar mais elevado do que o valor de uma só pessoa. As pessoas são o centro do plano da salvação e Jesus reforçou esse *dictum* nesta parábola das ovelhas e dos bodes. Quando captarmos a realidade desta verdade e a pusermos em prática nas nossas vidas diárias, então ter-nos-emos tornado, de facto, uma igreja que se interessa e preocupa com os outros, um a igreja que ama.

Perguntas para Reflexão

1. O autor realça algumas características naturais das ovelhas e das cabras [bodes] como razões para Jesus ter usado estes animais na Sua parábola. Concorda ou não com essas razões? Porquê?

2. Que lição podemos tirar do facto de ambos os grupos representados terem expressado surpresa com o julgamento do rei quanto à sua conduta?

3. Vê algum conflito entre esta parábola e a doutrina da justificação pela fé? Se sim, porquê? Se não, porque não?

Quarta-feira, 28 de Novembro

Charles E. Bradford

Hipócritas na Igreja

As parábolas do trigo e do joio e da rede escondida falam de uma embaraçante situação na igreja de hoje.

Ler: Para a parábola do trigo e do joio: Mateus 13:24-30; para a parábola da rede: Mateus 13:47-49.

As parábolas são quadros do reino. Todas estas histórias têm grande impacto visual. E, simultaneamente, as ilustrações de Jesus são simples e sem adornos. Não contêm quaisquer exageros fantasiosos como os enigmas e adivinhas que os rabis e mestres usavam nos Seus dias. A maior parte das vezes, o que eles queriam era mostrar a sua sabedoria. O ensino de Jesus destaca-se por ser diferente do dos escribas e fariseus. Nunca ninguém ensinou como Ele. Escolhia as coisas familiares para que o povo simples se pudesse identificar com elas.

Mas não devemos pensar que as parábolas são meras histórias com uma ou duas lições morais aqui e ali. Os ensinamentos que contêm são tão profundos e tão cheios de significado que até os mais sofisticados dos Seus ovinos se sentiam desafiados.

Quem, entre a Sua audiência, não tinha já visto um lavrador com o seu saco de sementes, lançando-as sobre o campo, para a frente e para trás? À medida que Ele fala, as cenas familiares tornam-se presentes. O povo vê-as e entra na história.

Este bom lavrador mantém-se todo o dia neste trabalho, e quando a noite vem, o seu sono é doce e profundo como o do trabalhador de que fala Salomão. Mas há lá fora um inimigo. Ele é manhoso e malicioso. E então lança joio, ervas ruins por toda a parte. Mas ninguém o nota, porque a maioria das sementes são semelhantes. Quem seria capaz de dizer de que espécie de semente se trata quando está toda espa-

lhada sobre um grande terreno? Tem de se esperar até as plantas brotarem. Foi então que os trabalhadores daquele homem descobriram o pior: havia joio entre o trigo. Sementes nocivas. São más notícias. Grandes problemas.

O fegantes, os ajudantes correm a dizê-lo ao patrão:

— Senhor, nós vimos ervas ruins por toda a parte no campo. Tu semeaste apenas trigo. Boa semente. Onde vêm todas estas ervas ruins?

É como se ele já o soubesse. Não parece surpreendido com estas más notícias, nem sequer demasiado preocupado. Os empregados sugerem:

— Queres que vamos pelo campo e arranquemos todo este joio?

Deixai crescer ambos

— Não, diz o dono, não façam isso. O trigo está apenas a começar a crescer. As raízes não são ainda muito profundas e podiam arrancar-se plantas boas. Elas estão muito juntas umas às outras, como sabem. É melhor deixá-las crescer até ao tempo da ceifa. Nessa altura enviarei ceifeiros para colherem a seara. Eles apanharão primeiro o joio e queimá-lo-ão. E a seguir colherão o trigo e pô-lo-ão no meu celeiro. No momento oportuno haverá uma separação entre o bom e o mau.

A seguir Jesus diz: «Eis agora uma história para vocês, pescadores. Já os têm visto lançar as suas redes e puxá-las — esses grandes aparelhos que eles arrastam. Eles apanham toda a espécie de peixes. E quando puxam as redes para terra, fazem-no calmamente. Na realidade, os pescadores até se sentam. Separam o peixe bom e colocam-no em recipientes ou cestos grandes. Mas notem, eles lançam fora os maus. O mesmo acontece com o



Darold Bigger é pastor senior da igreja do Colégio Walla Walla, em Washington.

reino dos céus. Durante algum tempo os bons e os maus estão todos juntos, mas um dia haverá uma separação.»

Que é que Jesus procura ensinar-nos com estas parábolas? Muito mais, tenho a certeza, do que o que podemos estudar nas breves leituras de uma Semana de Oração ou mesmo numa série de reuniões. Mas tentemos ver os pontos essenciais — o ensinamento essencial.

Eu acho que em primeiro lugar Ele está falando da natureza do pecado e do mal, quão espalhado ele está, quão penetrante é. «Um inimigo é quem fez isso» (Mat. 13:28). Este inimigo é o diabo. Em linguagem simples e directa, Jesus diz-nos que Satanás é o originador do mal. Ele é o pai da mentira, o semeador-originador de todo o engano. A sua carreira começou, imaginem, no céu, nos recintos da glória, onde ele semeou as suas primeiras sementes ruins. Agora ele estabeleceu o seu quartel-general no Planeta Terra e continua a sua sementeira. Ele é um intruso, um enganador «que engana todo o mundo» (Apoc. 12:9; a versão «A Boa Nova Para Toda a Gente» diz «que engana a toda a gente».) Engano e mentira é toda a sua mercadoria.

O Salvador procura dizer-nos que não devemos surpreender-nos ao descobrir sementes de Satanás por toda a parte, até mesmo na igreja. Jesus, aliás, fala mais especificamente da igreja: «Precisamos, porém, de entender isto como significativo da igreja de Cristo no mundo. A parábola é uma descrição pertinente ao reino de Deus, Sua obra pela salvação dos homens, e esta obra é executada pela igreja.» (*Parábolas de Jesus*, p. 70.) A parábola da grande rede também fala deste assunto. Quer dizer, tanto os bons como os maus são reunidos na igreja.

Pecado na Igreja

A presença de pecado na igreja é uma realidade que a maioria de nós acha difícil de aceitar e com a qual não sabe lidar. É uma situação tão perplexa, tão aflitiva! Nós pensávamos que a igreja era um céu, um refúgio, um abrigo, um escape onde estaríamos ao abrigo do mal que existe por toda a parte do mundo. E eis que, para surpresa nossa, descobrimos que há pecadores na igreja. Há hipócritas em

Sião. Queremos viver de forma recta. Queremos agradar a Deus. E queremos que a igreja seja recta. Que fazer?

Os assalariados do dono do campo semeado pensavam que tinham a resposta: «Vamos ao campo, arranquemos o joio e limpemo-lo de todas as ervas ruins.» Mas o seu senhor disse-lhes: «Não, não é essa a maneira de fazer as coisas. Deixai-os crescer ambos.»

«Mas Senhor, isso é tão difícil. O que é que as pessoas pensarão quando virem que existe mal na igreja? Não deveria a igreja de ser pura e santa, isenta de todos os erros e defeitos de carácter?»

«Sim, deveria», responde o senhor, mas esse não é trabalho vosso. É trabalho dos ceifeiros, os anjos, os verdadeiros segadores. Vocês cometeriam erros ao tentarem separar as ervas ruins.» E isto foi o que realmente me aconteceu quando um dia tentava ajudar a minha mulher com as plantas do seu jardim. Parecia-me que estava a limpá-las das ervas ruins, mas a verdade é que estava também a destruir alguns dos seus preciosos rebentos, e todas as minhas boas intenções não os podiam voltar a colocar nas plantas.

«Cristo ensinou claramente que aqueles que perseveraram em pecado declarado devem ser desligados da igreja; mas não nos confiou a tarefa de ajuizar sobre caracteres e motivos. Conhece demasiado bem nossa natureza para que nos delegasse esta obra. Se tentássemos desarraigar da igreja os que supomos serem cristãos espúrios, certamente cometeríamos erros. Muitas vezes consideramos casos perdidos justamente aqueles que Cristo está atraindo a Si.... O homem julga segundo a aparência; mas Deus vê o coração. O joio e o trigo devem crescer juntos até à ceifa; e a colheita é o fim do tempo da graça.» (*Ibid.*, pp. 71, 72.)

A igreja é uma organização voluntária. Deixai entrar quem quiser. Todos nós somos indignos. Temos as nossas faltas e fracassos. Há argueiros nos nossos olhos, e às vezes até mesmo traves. Não somos de facto dignos de julgar ninguém. Mas de qualquer modo não podemos ser brandos com o pecado. Porém, deveria-

mos começar primeiro por nós. Deveríamos tratar o mais severamente possível o pecado que cresce nos nossos próprios corações.

A igreja é também uma organização social. Há aqui um trabalho de associação a fazer em conjunto. «Como o joio tem as raízes entrelaçadas com as do bom trigo, assim falsos irmãos podem estar, na igreja, intimamente ligados com os discípulos verdadeiros. O verdadeiro carácter desses pretendidos crentes não é plenamente manifesto. Caso fossem desligados da congregação, outros poderiam ser induzidos a tropeçar, os quais, se não fosse isto, permaneceriam firmes.» (*Ibid.*, p. 72.)

Jesus está agora a falar especificamente sobre o assunto da disciplina da igreja, dizendo claramente que «o joio não podia ser arrancado, sem o risco de desarraigar a preciosa semente.» (*Ibid.*)

Precisamos de aprender mais sobre disciplina da igreja. Precisamos de compreender a diferença entre pecado aberto e defeitos de carácter. Precisamos de aprender a discernir entre o pecado que não leva à morte e o pecado que leva à morte.

As pessoas só deveriam ser erradicadas da igreja quando estão «mortas». Enquanto, porém, houver uma centelha de vida, os membros de igreja deveriam de ser pelo menos tão conscienciosos como os profissionais de saúde que trabalham arduamente para salvar o paciente que aparenta ter ainda o mais leve sinal de vida. «Na parábola de Cristo não nos é ensinado que julgemos e condenemos a outros, antes sejamos humildes e desconfiemos do eu.» (*Ibid.*, p. 74.)

Julgamento

Estas duas parábolas, a do joio e a da rede, asseguram-nos que haverá uma separação final. Haverá um julgamento no fim do tempo, no tempo da colheita. Haverá uma separação final entre os ímpios e os justos. O Salvador não nos ensina que chegará o tempo em que o joio se tornará trigo. Diz sim que virá o tempo em que não existirá nenhum joio entre o trigo, porque aquele será atado em molhos, lançado fora e queimado.

E podemos ver os pescadores assentados, separando os peixes bons dos

ruins, colocando os peixes bons em grandes recipientes e lançando para a praia os ruins. Do que aqui se trata é de separação. Deus e os anjos são os que operam essa separação. Nós não o podemos fazer. Nós não somos nem suficientemente bons nem suficientemente sábios.

Os Adventistas do Sétimo Dia ensinam que haverá um julgamento. Um julgamento no qual cada acto, cada palavra, cada pensamento secreto será passado sob o escrutínio divino — o Raio X do Céu. Nada pode escapar a esta análise. Há registos de tudo. E esses registos são exactos. Deus e as Suas testemunhas, os anjos, viram esses registos todos. Como diz um velho hino:

«O meu Deus está sempre a
[escrever.
Ele vê tudo o que fazes e ouve tudo
[o que dizes.
O meu Deus está sempre a
[escrever.»

Este é o aviso solene que temos de levar ao mundo inteiro. Esta é a solene realidade pela qual temos de ser guiados nos nossos lares, nas nossas relações na igreja, dado que temos de enfrentar esse grande mundo lá fora — a nossa vizinhança, o nosso lugar de trabalho.

As pessoas são muito impressionadas pelas aparências exteriores. Os cristãos adventistas do sétimo dia não devem ficar enamorados dos adornos exteriores da sociedade moderna: aquisições, status, riqueza. Não nos podemos enamorar dos estilos de vida dos ricos e famosos. Nós somos seguidores do humilde Galileu. Temos de descobrir o que é genuíno, o que é real, o que é perene. É do carácter que falamos, e os caracteres crescem a partir de uma semente.

Semeia um pensamento, e colherás uma acção;

Semeia uma acção, e colherás um hábito;

Semeia um hábito, e colherás um carácter.

A colheita revela-se num carácter plenamente desenvolvido — fixo, indelével, irreversível. «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda» (Apoc. 22:11). «A ceifa é o fim do mundo» (Mat. 13:39).

O Tempo da Ceifa

Entretanto, a seara vai amadurecendo. Na realidade há duas searas que vão amadurecendo. Uma é a colheita da justiça nos corações dos filhos e filhas de Deus. A outra é a colheita da iniquidade, o fruto do pecado que amadurece nos corações dos rebeldes filhos e filhas do «império do mal».

«E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; já é vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura.

«E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada. E saiu do templo outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.

Deus e os anjos operam a separação. Nós não somos suficientemente sábios para o fazer.

«E o anjo meteu a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus» (Apoc. 14:15-19).

Cereal bom e são, ou cachos de uvas púrpuras e venenosas. Duas colheitas. Séria reflexão.

«Cristo mesmo decidirá quem é digno de ser membro da família celestial. Julgará todo o homem segundo suas palavras e obras. A profissão de fé nada pesa na balança. O carácter é que decide o destino.» (*Parábolas de Jesus*, p. 74.)

Há ainda outra lição que eu creio que Jesus gostaria que nós aprendêssemos. O reino de Deus não vem como resultado dos esforços humanos — nem pela observação nem pela aparência exterior. O Seu reino é espiritual, e, presentemente, invisível. Não depende de nenhuma organização ou actividade humana. Não devemos tornar

equivalentes a igreja e o reino. Não somos chamados a criar nenhuma utopia, nenhuma sociedade perfeita e sem pecado nesta terra. Essa é a obra de Deus. O que temos de fazer é pregar o evangelho e pela Sua graça modelar os princípios do reino.

Mas até ao dia da Sua volta, por mais que o tentemos eliminar, haverá sempre pecado na igreja. Nós não o apoiamos. Nós pregamos e ensinamos contra ele. Proclamamos que a vitória é possível, e nas nossas vidas individuais temos a certeza de que o pecado pode ser vencido. Apesar de tudo, o Mestre ensina que até ao fim do tempo, os pecaminosos resultados da sementeira ruim feita pelo inimigo estarão no nosso meio. «Por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará» (Mat. 24:12).

Por vezes o quadro parece mesmo sombrio. Mas não nos preocupemos, meus irmãos e irmãs. O assunto está nas mãos do nosso amável Pai. Ele monda o Seu campo à Sua maneira.

Então, que espécie de pessoas devemos ser? «Uma vez que tudo será assim destruído, vocês compreendem como a vossa vida deve ser santa e agradável a Deus, enquanto esperam pelo seu dia e se esforçam para que venha depressa.» «Por tal motivo, meus queridos amigos, enquanto esperam por esse dia, façam tudo para que Deus os encontre sem faltas, sem pecados e em paz.» (II Pedro, 3:11, 12 e 14. Versão *A Boa Nova Para Toda a Gente*, Lisboa, Sociedade Bíblica, 1978.)

Perguntas para Reflexão

1. Que tensão vemos entre a responsabilidade da igreja de arrancar do seu seio o pecado e a parábola do joio? Como pode tal tensão ser resolvida?

2. De que modo se relacionam as parábolas do trigo e do joio e a da rede? Qual é a principal mensagem espiritual que delas podemos apreender?



Antes da sua aposentação, em Julho último, Charles E. Bradford era presidente da Divisão Norte-Americana dos A.S.D.

Na hora do pagamento, qual será a recompensa?

Adquiro mais, se começar cedo? A parábola dos trabalhadores.

«Porque o reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha» (Mat. 20:1).

Os discípulos haviam testemunhado a conversa de Jesus com o jovem governador rico, e a sua reacção estava ainda fresca nas suas mentes. Pensarosamente ele havia-se retirado de Jesus, incapaz de se separar dos seus tesouros terrestres — os quais, no seu caso, permaneciam entre ele e o reino de Deus.

Neste contexto, a pergunta de Pedro, em Mateus 19:27, adquire significado especial: «Eis que nós deixámos tudo, e Te seguimos; que receberemos?» Noutras palavras, «Senhor, nós agimos muito diferente deste jovem. Nós temos, de facto, desistido de tudo que estivesse entre Ti e nós para Te seguir. Que receberemos então?»

A resposta de Jesus

Interessantemente, Jesus aceita a pergunta como válida. Ele não a rejeita como sendo egoísta ou egocêntrica. Ele sabe o que significa dar tudo pelo reino de Deus, mesmo a própria vida. Compreende que o homem precisa de uma palavra de conforto em tais situações — uma visão do futuro para o fortalecer e sustentar.

E assim Ele responde a Pedro: «Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração o filho do homem se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que ti-

ver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna» (Mat. 19:28, 29).

Mas Jesus acrescenta algo mais que faz com que Pedro e os outros escutem com redobrada atenção: «Porém, muitos primeiros serão os derradeiros, e muitos derradeiros serão os primeiros» (V. 30). Que significa isto? Significa isto que aqueles que devotaram toda a sua vida ao serviço cristão não terão qualquer vantagem sobre aqueles que entraram no último momento?

Esta confusão, reflectida nas faces dos discípulos, não escapou à atenção de Jesus. Ela forma a base da parábola dos trabalhadores na vinha, que se encontra em Mateus 20:1-16. Os conceitos utilizados na parábola parecem-nos familiares. Fala de trabalhadores desocupados à procura de trabalho e de negociações contratuais — todos conceitos que nos são comuns numa base do dia-a-dia. Dessa perspectiva podemos visualizar o cenário da parábola, e vermo-nos a nós próprios nela. Podemos identificar-nos com os trabalhadores, esperando obter uma remuneração justa no fim do dia como algo justamente merecido.

É Deus Injusto?

Mas numa ou noutra ocasião muitos de nós experimentamos alguma ambivalência acerca desta parábola, uma confusão de sentimentos. O método parece ser injusto: a pessoa que trabalhou todo o dia na vinha, que suportou a fadiga e o calor do dia, sentiu-se defraudada quando comparada

com os que foram contratados à hora undécima. A parábola deve ter provocado um choque a Pedro e aos outros. Todavia, embora difícil de compreender à primeira vista, isto é, na realidade, o princípio do reino.

Lembremos, por exemplo, o ladrão na cruz. Ele entrou, por assim dizer, na última hora. Mas, não obstante, toda a riqueza da redenção tornou-se sua, tal como se tornara daqueles que haviam seguido a Jesus desde o princípio. Do ponto de vista humano, isto parece incorrecto e injusto. Mas se nos desligarmos do nosso pensamento humano na questão de remuneração e tentarmos ver este assunto na perspectiva de Deus, então torna-se claro de imediato para nós que, pelo contrário, ninguém é tratado injustamente.

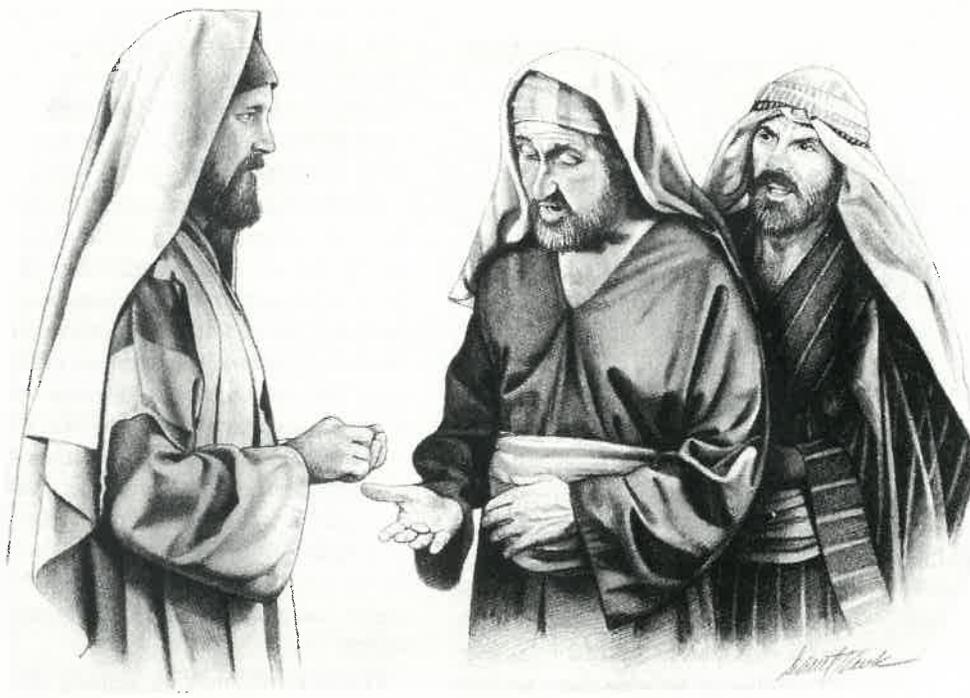
O que precisamos de lembrar é o ponto em questão nesta parábola. Ela refere-se, na verdade, ao *trabalho na vinha de Deus*. E aqui o que importa em primeiro lugar é o *serviço*, não a remuneração. E, correctamente compreendido, o serviço para Deus é já um dom, um privilégio.

Pensai, por exemplo, no profundo sentimento de felicidade, gratidão e alegria que nos enche quando ganhámos alguém para Cristo. Os nossos olhos ficam com maior brilho; as nossas faces brilham com deleite ao testemunharmos a sua rendição e baptismo no nome de Cristo.

Que pode produzir maior satisfação interior? Não é isto já remuneração no mais verdadeiro sentido da palavra?

O mesmo pode ser dito do discípulo cristão em geral. Ser activo neste discipulado é semelhante a um dom e a um privilégio. A vida com Cristo é em si mesma a recompensa. São-nos dadas riquezas especiais — riquezas que ultrapassam em muito qualquer riqueza terrestre.

Na base de tudo isso está a riqueza do *conhecimento* — o conhecimento de que eu estou na mão de Deus, que tenho um Pai no Céu que me ama, que está interessado em mim e que me guia por rectas veredas. Posso nem sempre compreender a sabedoria dos Seus caminhos, mas posso saber que se eu andar neles, confiando sempre n'Ele, eles provar-se-ão finalmente o



melhor para mim. Pois «sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados pelo Seu decreto» (Rom. 8:28).

Andando com Confiança

Com este conhecimento especial, então, posso andar através da vida com calma e confiança, sem temor da morte ou do amanhã. Pois posso ter a certeza de que «nem a morte, nem a vida, ... nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor» (Rom. 8:38, 39).

E há outras riquezas que são recebidas pelos primeiros obreiros da vinha: a certeza da redenção — de ser um filho ou filha de Deus; a experiência de uma vida verdadeiramente significativa; e o senso de valor que advém do conhecimento de se ser criado à imagem de Deus.

Tudo isto e muito mais são benefícios já recebidos nesta vida pelo nosso discipulado e serviço cristãos. Visto deste ângulo, aqueles que já trabalharam na vinha desde cedo no dia, têm, na verdade, uma imensa vantagem sobre aqueles que vêm na última hora. Quanto perderam estes atrasados! Mas mesmo assim há alegria por afinal terem vindo!

Considerada deste modo, esta parábola, que à primeira vista causa alguma dificuldade, torna-se de súbito clara. Vemos que não há classe alguma privilegiada e que ninguém é tratado injustamente. Se alguém ficou em desvantagem, foram os que vieram na última hora, perdendo todos os privilégios gozados pelos que vieram mais cedo. Mas mesmo tendo vindo na hora undécima, receberam as mesmas bênçãos como os que vieram antes deles: o rico conhecimento de estarem nas mãos de Deus, a experiência duma vida verdadeiramente significativa e o senso de valor que advém do conhecimento de ter sido criado à imagem de Deus. É neste sentido que eles obtêm, na realidade, a mesma recompensa que os trabalhadores que chegaram mais cedo.

E há ainda algo mais que é o mesmo para ambos, a suprema dádiva de todas, a *vida eterna*. É aqui que se torna claro que no serviço de Deus todos são iguais. Pois não pode haver remuneração maior do que a vida eterna em si mesma. Os que vieram primeiro não podem pedir mais do que isso. Aqueles que vieram depois não podem receber menos do que isso. A vida eterna tem de ser a mesma para todos.

A parábola dos trabalhadores ajuda-nos a examinar os nossos motivos pa-

ra o serviço. Porque somos cristãos? Porque estamos no discipulado com Cristo? Porque trabalhamos na Sua vinha?

O amor deve ser o nosso motivo — amor a Jesus e aos nossos semelhantes.

Se nos consciencializarmos inteiramente a este respeito, então o nosso serviço, o nosso discipulado, não será modelado por pensamentos de remuneração, mas, ao invés, será modelado pelo esforço de manifestar ao Senhor o nosso amor e gratidão por aquilo que Ele fez por nós. E se nós experimentámos, de verdade, esta mesma espécie de amor nas nossas vidas, não podemos deixar de o

passar a outros — a todos quantos encontrarmos.

Deus busca homens e mulheres que estejam dispostos a ir para a Sua vinha. Que privilégio será o nosso! Somente isto seria recompensa suficiente. Talvez tenhais hesitado até agora. O dia, lembrai-vos, em breve termina. A noite aproxima-se. Não há muito tempo mais. Deveríamos aproveitar a oportunidade que está diante de nós, dizendo sim a Deus. Jesus espera por vós, porque Ele vos ama — e o Seu amor é, na verdade, recompensa suficiente!

Perguntas para Reflexão

1. É errado esperar recompensas? Como tratou Jesus esta questão? Que evidências de equilíbrio vemos?
2. Segundo o ponto de vista do nosso autor, que vantagens específicas têm os primeiros trabalhadores sobre os últimos?
3. Em que são iguais todos os trabalhadores? Que nos diz isto acerca da salvação?



Harold Knott é presidente da União Sul da Alemanha.

Tradução de M. N. Cordeiro

MISSÃO GLOBAL

Um projecto de evangelização individual

A Igreja Adventista do Sétimo Dia está à beira de realizar grandes coisas — não para nossa glória, mas para glória do Senhor. Ele está-nos chamando para algo maior, mais difícil e mais excitante do que algum dia sonhámos ou tentámos. Como o nosso mundo se tornou uma aldeia global, o Senhor chama-nos a uma missão global.

Em Apocalipse 14:6 é-nos dito que o Evangelho deve ser levado a todas as nações. Temos feito um razoável trabalho neste aspecto: os Adventistas têm a sua obra estabelecida em aproximadamente 190 das 220 entidades políticas registadas nas Nações Unidas. Os países em que não temos qualquer presença são pequenos em população.

Mas talvez o nosso êxito em penetrar todas as grandes nações nos tenha dado um falso sentimento de realização. Muitas nações não têm um mas dezenas de grupos linguísticos dentro das suas fronteiras. E o texto diz-nos que a mensagem deve ser levada a «cada tribo, língua e povo».

Ellen White animou-nos a alargar a nossa visão: «A mensagem de verdade que temos deve ir a todas as nações, línguas e povos. Em breve ela há-de ir com grande voz e a terra será iluminada com a sua glória. Estamos nós preparando-nos para este grandioso derramamento do Espírito de Deus?» (*Testimonies*, vol. 5, p. 383.)

Globalmente, existem cerca de 5000 grupos etnolinguísticos ou demográficos de um milhão de pessoas. Os Adventistas têm pelo menos uma igreja em cerca de 3200 destes grupos. Restam 1800 em que não temos qualquer presença. Estes 1800 grupos representam *mais de 2 biliões de pessoas!*

O mapa global mostra o que isto significa: uma vasta área do mundo, densamente populada em alguns lugares, tem poucos Adventistas: China, União Soviética, ex-países socialistas da Europa de Leste, Norte da Índia e Médio Oriente.

A Estratégia Global incita-nos a abrir os nossos olhos para o mundo inteiro. Obriga-nos a pensar na nossa missão em termos de áreas mais difíceis, e não apenas naquelas que foram mais receptivas. Desafia-nos a levar a sério a predição e comissão de Jesus: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Estratégia Global significa compreensão geográfica em termos de grupos de 1 milhão de pessoas, em vez de países.

Estratégia Global significa voltar a concentrar todos os nossos recursos e actividades na missão evangelizadora da Igreja.

Estratégia Global significa desenvolver novas actividades e técnicas para ir ao encontro dos grupos que constituem o nosso objectivo.

O alvo? Estabelecer uma presença adventista em cada um dos 1800 grupos de 1 milhão de pessoas que faltam alcançar antes do ano 2000. *Significa estabelecer pelo menos uma nova igreja dia sim, dia não, nestas áreas ainda não atingidas, durante os próximos 10 anos!*

Impossível? Não, pela graça de Deus. Absolutamente possível!

A Estratégia Global chama-nos a desenvolver novos métodos de abordagem a homens e mulheres secularizados, nas grandes cidades.

Além disso, cada sociedade compreende vários grupos étnicos, linguísticos e económicos. A Estratégia Global desafia-nos a dar a todos, seja qual for o grupo a que pertençam, uma oportunidade de ouvirem o Evangelho.

Mas a essência da Estratégia Global não é um programa, ou um plano, ou um alvo. No seu centro estão pessoas — pessoas que têm de ser contactadas uma por uma.

As pessoas são convertidas uma por uma. Embora procuremos alcançar grupos de 1 milhão de pessoas, mesmo uma única pessoa nesse grupo é importante. Ela torna-se o ponto de partida para a edificação do reino de Deus nesse grupo.

São as pessoas que transformam as pessoas — gente que ama a Jesus e se sente impelida pelo Seu Espírito a fazer outros cristãos.

Por isso, nós só podemos esperar realizar a missão global à qual o Senhor nos chama se cada membro se envolver neste projecto. Se cada um de nós sentir o seu coração arder de amor pelo Senhor na esperança do Seu glorioso regresso.

A Estratégia Global centra-se nos leigos. Em muitos dos países em que a nossa obra é pequena ou não-existente, as autoridades não permitem a entrada de missionários da Igreja. Mas frequentemente estão dispostas a receber profissionais, gente qualificada, que possa ensinar, prestar cuidados médicos ou oferecer outros serviços.

Por isso a Estratégia Global precisa de centenas — sim, de centenas — de leigos que ousem avançar pelo Senhor. No espírito dos pioneiros, no espírito de Paulo, de Priscila e Áquila, que trabalhavam como fabricantes de tendas, mas espalhavam o Evangelho onde quer que fossem, estes homens e mulheres oferecer-se-ão para trabalhar no estrangeiro. Serão leigos que vão estabelecer postos avançados para o Evangelho.

Pode participar neste plano

Orando

Peça ao Senhor que ponha no seu coração a visão — o Evangelho eterno ao mundo inteiro.

Ore para compreender que o êxito do desafio global não depende da estrutura da igreja como um corpo, mas de si, como um indivíduo.

Peça a Deus que lhe conceda um desejo ardente de participar neste plano. Através da oração, louve ao Senhor pelas capacidades que Ele lhe concedeu e peça-Lhe que lhe revele como pode usá-las na Sua causa.

Ore por «um reavivamento da verdadeira piedade» em si e na igreja em geral, um reavivamento que só virá através do derramamento do Espírito Santo.

Ore por um grupo específico da população mundial.

Dando o Seu Tempo

Tome tempo para ler este folheto e as notícias de Missão Global que forem publicadas na *Revista Adventista*.

Ore cada dia pelos objectivos de intercessão apresentados na *Revista Adventista*. Tome tem-

po para se informar sobre essas pessoas, descobrindo a maneira como vivem, os seus costumes, tradições e crenças religiosas.

Mantenha-se a par das notícias sobre um determinado grupo populacional sobre o qual deseja orar e reúna e guarde artigos sobre esse povo.

Pergunte a amigos se conhecem alguém que tenha visitado essa região do mundo onde vive o grupo populacional em favor do qual está orando. Disponha de algum tempo para estar com essa pessoa, informando-se sobre o povo em questão, vendo fotografias e reflectindo sobre as suas necessidades.

Tome algum tempo para participar, para se envolver em Missão Global.



CIDADE DO MÉXICO



NOVA IORQUE



SÃO PAULO



LONDRES



LISBOA

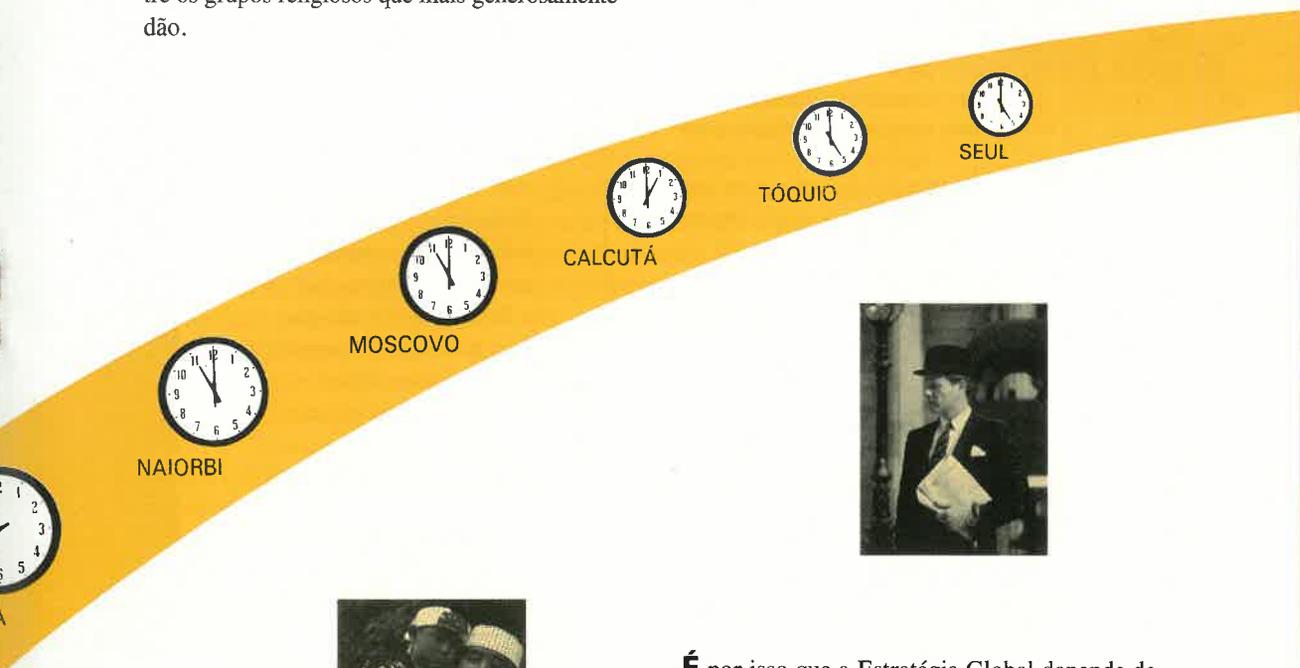


Dando o Seu Dinheiro

Os Adventistas são um povo que dá. Damos para as missões, para escolas, para programas de evangelização, para projectos de construção — isto além dos dízimos e ofertas regulares. Em termos de *per capita*, os Adventistas estão entre os grupos religiosos que mais generosamente dão.

Dando a Sua Colaboração

São as pessoas que transformam as pessoas — gente que ama a Jesus e que é impelida pelo Espírito Santo a fazer outros cristãos.



Mas a Estratégia Global apela a uma nova missão. Desafia-nos a ir mais além do que temos feito até agora, a ir a povos ainda não alcançados. E tudo isto sem negligenciar as igrejas, escolas, clínicas e programas que temos em funcionamento.

Isso significa novas dádivas. Talvez que não veja o seu orçamento expandir-se muito mais, mas pode querer fazer algo semelhante ao que está fazendo Flora Curtis, de Oshawa, Canadá. Ela tem um interesse especial pelas crianças em idade escolar da Turquia. Por isso decidiu lançar-se num projecto de recolha de fundos na sua igreja, de forma a alcançar 1000 dólares. O dinheiro obtido será para a compra de um projector que possa mostrar filmes sobre saúde nas escolas da Turquia.

É por isso que a Estratégia Global depende de *pessoas* — de indivíduos que estejam dispostos a servir, dispostos a estabelecer contactos pessoais com alguém que pertença a um grupo populacional ainda não alcançado. E esse indivíduo pode, por sua vez, contactar com um outro.

A pessoa que vai fazer esse primeiro contacto pode ser o prezado irmão, ou irmã, que lê estas linhas.

A Estratégia Global depende de pessoas com capacidades especiais — professores, médicos e outros profissionais de saúde, peritos de agricultura, técnicos — que possam ir onde os pastores e outros obreiros da Igreja não têm permissão de ir.

Veja-se a si mesmo usando as suas capacidades como um instrumento de testemunho. Imagine-se numa nova terra, entre nova gente, encarregado de uma missão em favor da Estratégia Global de Evangelização.

Deseja oferecer as suas capacidades para participar num projecto missionário da União? Então escreva para: Missão Global, Rua Joaquim Bonifácio, 17, 1199 Lisboa Codex.

(cont. pág. I)

Mas eu deixei o ponto mais importante para o fim. Tão grande é a visão, tão avassaladora a tarefa, que só o poder do Deus Vivo pode torná-la uma realidade. Só na medida em que formos revificados pelo Espírito Santo, e transformados, e ardermos com amor a Deus e ao próximo, poderemos esperar cumprir a nossa missão global.

Eu creio que o Senhor nos está chamando a um reavivamento e reforma.

Eu creio que o Senhor nos está chamando para esta missão global.

Ele tem-nos dirigido passo a passo. Trouxe-nos a salvo até aqui. Agora Ele chama-nos a construir a nossa história, o nosso sucesso, e a avançar para completar a comissão evangélica.

A missão é grande, mas o Senhor já começou a abrir portas em lugares difíceis e a igreja inteira deve concentrar-se nesta missão.

Que o Senhor possa abrir os nossos olhos para a missão global e mostrar a cada um de nós — mostrar-lhe a si — como pode nela participar.

ESTRATÉGIA GLOBAL

Projectos Específicos da União Portuguesa

1. Conservação dos Membros de Igreja.
2. Realização de Seminários.
3. Transformação em Igrejas dos seguintes grupos:

GRUPOS	Número de membros	Igreja responsável
ARCOS	16	BRAGA
VIZELA	8	BRAGA
V. CASTELO	12	V. CONDE
V. MEÃ	—	O. DOURO
S. FÉLIX DA MARINHA	12	ESPINHO
CHAVES	8	VILA REAL
BRAGANÇA, MACEDO, MONCORVO	6	
SILGUEIROS	8	WISEU
PEDRALVA	6	SANGALHOS
ALBERGARIA	7	AVEIRO
ABRANTES	13	TOMAR
CELORICO	9	GUARDA
COVILHÃ	1	ATALAIA
PÓVOA STA. IRIA	12	LX. CENTRAL
SINES	5	SETÚBAL
MOURA	5	
ELVAS	8	
CATUJAL	12	LX. ROÇADAS
NISA	14	P. DE SOR
S. BRÁS	5	FARO
TAVIRA	20	V.R.ST. ANT.
ALBUFEIRA	12	PORT./LAGOA
LOMBA DE S. PEDRO	12	P. DELGADA
HORTA		

MISSÃO GLOBAL

Confiante na graça de Deus e no Seu plano para a Sua igreja,

Peço-Lhe que abra os meus olhos para o meu dever de levar o Evangelho a toda a nação, tribo, língua, e povo.

Rogo que o Espírito Santo reavive minha vida espiritual, a fim de limpar-me e purificar-me, habilitando-me para qualquer trabalho que o Senhor deseje que eu faça para que se cumpra a Sua missão global.

Prometo estar pronto para ir ou para ficar, e levar as boas novas do Evangelho onde quer que o Senhor me chamar.

Estou disposto a ser audaz, criativo, e entusiasta para o Senhor, focalizando todas as minhas actividades na missão global e pronto a tentar novos métodos para estabelecer a igreja entre pessoas ainda não alcançadas.

Peço-lhe que me dê amor profundo pelas pessoas, para que eu possa partilhar com elas — uma por uma — a graça inigualável de Jesus.

Aceito o desafio da missão global; pela graça de Deus servi-l'O-ei onde me conduzir e ajudarei a levar o Evangelho aos 1800 grupos de um milhão de pessoas ainda não alcançados.

(Assinatura)

Vestidos para a Ocasião?

Aceitar o convite não é suficiente

Como recém-converso do Catolicismo à Igreja Adventista do Sétimo Dia, sentia-me excitado acerca da minha nova religião. Enquanto o toque de sinos ecoava através dos vales, montes e prados ao redor do Colégio do Brasil, eu encaminhava-me para o refeitório, onde nós, rapazes, nos juntaríamos às raparigas para o jantar, e eu experimentaria o meu primeiro culto de pôr-do-sol de sexta-feira.

Notei que todos os alunos estavam bem vestidos e limpos. Mas embora eu tivesse tomado banho de chuveiro, tinha deixado as minhas melhores roupas para as usar no Sábado de manhã, como costumava fazer para a missa de domingo. Algo perplexo, fiquei ainda mais surpreendido quando entrei no refeitório e vi as moças vestidas no seu melhor vestuário. Vestido com as minhas roupas do dia-a-dia, senti-me completamente embaraçado!

Logo que terminou o jantar, todos os alunos formaram um grande semi-círculo para o culto do pôr-do-sol. E lá estava eu à mesa do director, nada menos, exactamente no centro de tudo. Quando todos os olhos se voltaram para mim, pensei que morria de vergonha! Se eu pudesse enfiar-me por um buraco no soalho, ou se pudesse ter sido ejectado do meu lugar, eu ficaria muito contente com isso! Aprendi de imediato que os alunos vestiam as suas melhores roupas para receberem o Sábado.

Estamos nós adequadamente vestidos para a ceia do Senhor? Em Mateus 22:1-14 Jesus conta a história de um rei que preparou um banquete para o seu filho. Ele convidou por duas vezes os convidados, mas não veio nenhum. No segundo convite os convidados foram ao extremo de matar os emissários do rei. O rei respondeu

matando-os e destruindo a sua aldeia.

Depois de ter enviado o terceiro convite e ninguém ter vindo, o rei mandou convidar as pessoas que passavam nos caminhos e a sala de banquete ficou cheia. Única condição: todos deviam vestir um vestido nupcial provido pelo rei. Um convidado que foi encontrado sem o vestido nupcial foi lançado fora da sala do banquete.

O Primeiro Convite

Nesta bela história, Jesus descreveu o plano da salvação. O primeiro convite foi feito à nação judaica. O rei representa o Pai celestial, o Rei do universo. Ele fez todos os preparativos necessários para a nossa salvação. O apóstolo Paulo diz: «Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos» (Gál. 4:4, 5).

Pelo casamento é representada a união da humanidade com a divindade.» (*Parábolas de Jesus*, pág. 307). A experiência da salvação produz alegria e por esta razão é simbolizada por um casamento.

Na parábola encontramos outro grupo, os servos. Estes representam os profetas, apóstolos, ministros e todos aqueles que são ordenados por Deus a proclamar a mensagem de salvação ao mundo. Embora a nação judaica aguardasse o Messias, quando ele veio, eles não receberam a Sua mensagem. João Baptista preparou o caminho do Senhor, mas eles também não prestaram nenhuma atenção à sua mensagem. Durante este primeiro convite para o casamento, o próprio Cristo e os Seus discípulos convidaram pessoas para virem. Mas elas recusaram; não prestaram nenhuma atenção.

O segundo convite

Na sua misericórdia e amor, o rei lança outra campanha para encontrar convidados para a festa de casamento. Os servos dizem aos convidados que tudo está pronto.

O segundo convite oferece o Pão da Vida. Deus provê o nutrimento de que nós precisamos para viver como cristãos.

Utilizando outra figura, Jesus ensinou que somente quando ligados à videira podemos nós encontrar os nutrientes necessários à vida eterna. Uma vez observei trabalhadores e alunos na nossa escola de agricultura em Manaus, no Brasil, a enxertar plantas de tomateiro numa planta nativa chamada jurubeba. Quando plantados sozinhos na região da Amazônia, os tomateiros são destruídos por pestes. Todavia, quando enxertados na jurubeba, sobrevivem e produzem tomates deliciosos. O cristão só pode sobreviver quando enxertado em Jesus. Então poderemos produzir fruto para a vida eterna.

Quando foi feito o segundo convite, alguns dos ouvintes rejeitaram-no de novo enquanto outros, não somente o rejeitaram mas mataram os servos que o apresentaram. Que retrato gráfico da perseguição dos grandes aautos da verdade! Estes fiéis servos pagaram com as suas vidas por terem apresentado o convite para vir a Jesus.

Mas porque haviam os convidados de matar os mensageiros? Afinal de contas, eles tinham recebido um convite para um banquete! Muitos recusaram porque estavam muito ocupados. Mas aqueles que mataram os servos estavam irados e eram rebeldes. Em qualquer dos casos, algum dia chegará o juízo para aqueles que rejeitam a Deus e recusam vir ao banquete.

O terceiro convite

Ellen White escreve que o «terceiro convite para a festa representa o dar o evangelho aos gentios.» (*Ibidem*, pág. 309.)

Duas classes de pessoas vieram às bodas: aquelas que vestiram o vestido nupcial e o homem que o recusou. «O vestido branco é a justiça de Cristo, o vestido nupcial que somente

Cristo pode dar.» (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 7, p. 965.)

«Se houverdes de vos sentar à mesa de Cristo, e festejar sobre as provisões que Ele tiver fornecido no ceia nupcial do Cordeiro, deveis estar vestidos de um vestido especial, que é o manto branco da justiça de Cristo. Todo aquele que estiver vestido com este manto está habilitado a entrar na cidade de Deus, e se Jesus não tivesse estado muito desejoso que tivésseis um lugar nas mansões que Ele foi preparar para aqueles que O amam, Ele não teria feito, a tão grande custo para Ele próprio, todos estes arranjos de modo a poderdes ser felizes e sentar-vos à Sua mesa e gozar o lar que Ele foi preparar para a Sua família redimida.» (E. G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, p. 368).

Durante o Congresso Pan-Americano da Juventude, realizado na cidade do México em 1984, tive o privilégio de fazer o apelo final aos 12.000 jovens presentes. Tomei uma camisa branca, cortei-a e sujei-a, mas deixei o colarinho intacto.

Com o meu casaco vestido, ninguém podia ver o que estava por baixo. Eu lancei o repto aos jovens para que se vestissem com o traje adequado para entrar no reino de Deus, para receberem a justiça de Cristo nas suas vidas. A seguir despi o meu casaco e revelei a minha própria «injustiça», a minha condição suja. Então uns amigos cobriram-me com um casaco que representava a justiça de Cristo, que pode ser recebida somente quando eu O aceito na minha vida. A promessa é esta:

«Eu vos vestirei com a Minha própria justiça — o vestido nupcial — e vos prepararei para a ceia nupcial do Cordeiro. Quando vestidos com a Minha justiça, através da oração, através da vigilância, através de diligente estudo da Minha Palavra, ser-vos-á possível atingir um elevado padrão. Compreendereis a verdade e o vosso carácter será modelado por uma influência divina; porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação.» (*The SDA Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 3, p. 1162.)

Na parábola, Jesus revela uma outra classe de pessoas, representadas no

homem que entrou sem estar trajado com o vestido nupcial — aqueles que recusam receber e trajar este carácter de Jesus.

«Quão claramente se encontra delineada na Palavra de Deus a maneira como Cristo lidou com o homem que aceitou o Seu convite para as bodas, mas não vestiu o vestido nupcial que fora comprado para ele, o vestido da justiça de Cristo. Ele pensou que os seus vestidos poluídos eram suficientemente bons para vir à presença de Cristo, mas ele foi lançado fora como alguém que insultara o Seu Senhor e abusara da Sua graciosa benevolência. Meu irmão, a sua justiça não será suficiente. O irmão precisa de vestir o vestido da justiça de Cristo. Precisa de ser semelhante a Cristo.» (*Testimonies*, vol. 5, pp. 509-510.)

Qualificando-nos para o Céu

Através de toda a história temos visto homens tentando arranjar os seus próprios vestidos, a sua justiça própria, as suas próprias obras, para se qualificarem para o Céu. Tudo isso começou no Jardim do Éden. Quando os nossos primeiros pais pecaram, perderam o vestido de luz suprido pelo seu Criador e tentaram cobrir a sua deficiência com folhas de figueira.

Quando foi dito a Naamã para entrar nas águas do rio Jordão para se ver livre da sua lepra, ele respondeu: «Não são, porventura, Abana e Farpar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles, e ficar purificado?» (II Reis 5:12).

Surpreendentemente, ainda hoje homens e mulheres não querem descer ao «Jordão». Preferem os seus próprios rios da ciência, orgulho, materialismo e cultura em vez da cruz de Jesus. «Este vestido, tecido no tear do Céu, não possui qualquer fio de feitura humana. Cristo na Sua humanidade operou um perfeito carácter e este carácter Ele oferece comunicar-nos-lo.» (*Parábolas de Jesus*, p. 311.)

Que mensagem queria Deus ensinar com esta parábola ao Seu povo? A salvação provida por Deus para alguém ser admitido no Seu reino é tão simples. Tudo o que precisamos de fazer é aceitá-la e tornar-nos-emos cidadãos desse Seu reino. «Quando nos subme-

temos a Cristo, o nosso coração une-se ao Seu, a nossa vontade imerge na Sua, a mente torna-se uma com a d'Ele, os pensamentos tornam-se cativos d'Ele; vivemos a Sua vida. Isto é o que significa estar vestido com a veste da Sua justiça.» (*Ibidem*, p. 312.)

Jesus desceu até nós para que possamos viver com êxito a vida cristã. «A todos quantos O receberam deus-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêm no Seu nome» (João 1:12). «Este poder não se encontra no agente humano. É o poder de Deus. Quando uma alma recebe a Cristo, ela recebe poder para viver a vida de Cristo.» (*Ibidem*, p. 314.)

Somente aqueles que foram lavados no sangue do Cordeiro e estão trajando o belo e limpo linho branco se podem sentar com o Rei. Se não estiverem trajando o Seu vestido, ficarão mudos. Deus não precisa de os condenar. Esta parábola representa o juízo investigativo, o exame que determinará quem está preparado para o Céu. (Ver o *Grande Conflito*, p. 428.)

Possa Deus ajudar-nos a não sermos encontrados nus ou vestidos com o vestido errado quando o escrutínio de Deus cair sobre nós.

Perguntas para Reflexão

1. Que representam historicamente os três convites para as bodas?
2. Porque é utilizado um vestido exterior para representar uma experiência interior?
3. Que significa estar vestido com a justiça de Cristo?
4. Porque foi rejeitado o homem sem o vestido nupcial?



Leo Ranzolin é secretário associado da Conferência Geral.

Tradução de M. N. Cordeiro

Vacila a nossa Luz?

A parábola das 10 virgens ensina-nos algo sobre a necessidade de estar preparados para o Advento

Esta leitura foi excerta do livro Parábolas de Jesus, pp. 405-421. Para maior facilidade de leitura, alguns parágrafos do original foram divididos em dois ou mais.

Cristo e Seus discípulos estão assentados no Monte das Oliveiras. O Sol já tramontou, e as sombras da noite crescem sobre a Terra. Jaz em plena vista uma moradia esplendorosamente iluminada como para uma festa. A luz jorra das aberturas, e um grupo expectante indica que um cortejo nupcial está prestes a aparecer.

Em muitas regiões do oriente as festividades nupciais são realizadas à noite. O noivo parte ao encontro da noiva e a traz para casa. À luz de tochas, o séquito dos nubentes sai da casa paterna para seu próprio lar, onde um banquete é oferecido aos convidados. Na cena que Cristo contemplava, um grupo espera o aparecimento do séquito nupcial para a ele se juntar. ...

Quando Cristo, sentado, contemplava o grupo que aguardava o esposo, contou aos discípulos a história das dez virgens, ilustrando, pela experiência delas, a da igreja que viveria justamente antes de Sua segunda vinda.

Duas Classes

Os dois grupos de vigias representam as duas classes que professam estar à espera de seu Senhor. São chamadas virgens porque professam fé pura. As lâmpadas representam a Palavra de Deus. Diz o salmista: «Lâmpada para os meus pés é Tua palavra, e luz para o meu caminho» (Sal. 119:105).

O óleo é símbolo do Espírito Santo. ...

Na parábola, todas as dez virgens

saíram ao encontro do esposo. Todas tinham lâmpadas e almotolias. Por algum tempo não se notava diferença entre elas. Assim é com a igreja que vive justamente antes da segunda vinda de Cristo. Todos têm conhecimento das Escrituras. Todos ouviram a mensagem da proximidade da volta de Cristo, e confiantemente esperam Sua aparição. Como na parábola, porém, assim é agora. Há um tempo de espera; a fé é provada; e quando se ouvir o clamor: «Aí vem o Esposo, saí-Lhe ao encontro», muitos não estarão preparados. Não têm óleo em seus vasos nem em suas lâmpadas. Estão destituídos do Espírito Santo.

Sem o Espírito de Deus, de nada vale o conhecimento da Palavra. A teoria da verdade, não acompanhada do Espírito Santo, não pode vivificar a alma, nem santificar o coração. Pode estar-se familiarizado com os mandamentos e promessas da Bíblia, mas se o Espírito de Deus não introduzir a verdade no íntimo, o carácter não será transformado. Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presa das tentações subtis de Satanás.

Não Hipócritas

A classe representada pelas virgens loucas não é hipócrita. Têm consideração pela verdade, advogaram-na, são atraídos aos que crêem na verdade, mas não se entregaram à operação do Espírito Santo. Não caíram sobre a rocha, que é Cristo Jeuss, e não permitiram que a sua velha natureza fosse quebrantada. ...

O Espírito trabalha no coração do homem de acordo com seu desejo e consentimento, nele implantando na-

tureza nova; mas a classe representada pelas virgens loucas contentou-se com uma obra superficial. Não conhecem a Deus. Não estudaram o Seu carácter; não tiveram comunhão com Ele; por isso não sabem como confiar, como ver e viver. ...

Numa crise é que o carácter é revelado. Quando a voz ardorosa proclamou à meia-noite: «Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro», e as virgens adormecidas se ergueram da sua sonolência, foi visto quem fizera a preparação para o evento. Ambos os grupos foram tomados de surpresa; porém, um estava preparado para a emergência, e o outro não.

Assim agora uma calamidade repentina e imprevista, alguma coisa que põe a alma face a face com a morte, mostrará se há fé real nas promessas de Deus. Mostrará se a alma é sustida pela graça. A grande prova final virá no fim do tempo da graça, quando será tarde demais para se suprirem as necessidades da alma.

As dez virgens estão esperando na noite da história deste mundo. Todas dizem ser cristãs. Todas têm uma vocação, um nome, uma lâmpada, e todas pretendem fazer a obra de Deus. Todas aguardam, aparentemente, a volta de Cristo. Cinco, porém, estão desprevenidas. Cinco serão encontradas surpreendidas, aterrorizadas, fora do recindo do banquete. ...

Portadores de Luz

Na parábola, as virgens prudentes tinham óleo em seus vasos com as lâmpadas. Suas lâmpadas arderam com chama contínua pela noite de vigília. Contribuíram para aumentar a iluminação em honra do esposo. ...

Assim, devem os seguidores de Cristo irradiar luz nas trevas do mundo. Pela actuação do Espírito Santo, a Palavra de Deus é uma luz quando se torna um poder transformador na vida de quem a recebe. Implantando-lhes no coração os princípios da Sua Palavra, o Espírito Santo desenvolve nos homens os predicados de Deus. A luz da Sua glória — o Seu carácter — deve reflectir-se nos Seus seguidores. Assim devem glorificar a Deus, e iluminar o caminho para a mansão do esposo, para a cidade de Deus, e para o banquete das bodas do Cordeiro. ...

Toda alma tem o privilégio de ser um conduto vivo, pelo qual Deus pode comunicar ao mundo os tesouros de Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Nada há que Cristo mais deseje do que agentes que representem ao mundo o Seu Espírito e carácter. Não há nada de que o mundo mais necessite que da manifestação do amor do Salvador, mediante a humanidade. Todo o Céu está à espera de condutos pelos quais possa ser vertido o óleo santo para ser uma alegria e bênção para os corações humanos.

Cristo tomou todas as providências para que a Sua igreja seja um corpo transformado, iluminado pela Luz do mundo, possuindo a glória de Emanuel. É Seu propósito que cada cristão esteja envolto numa atmosfera espiritual de luz e paz. Deseja que revelemos em nossa vida a Sua própria alegria.

A habitação do Espírito em nós será manifestada pelo amor celestial que de nós dimanará. A plenitude divina fluirá pelo consagrado agente humano, para ser partilhada com outros.

O Sol da Justiça traz salvação «debaixo das Suas asas.» (Mat. 4:2). Assim todo verdadeiro discípulo deve difundir uma influência de vida, ânimo, auxílio e verdadeira salvação.

A religião de Cristo significa mais do que o perdão dos pecados; significa remover os nossos pecados e encher o vácuo com as graças do Espírito Santo. Significa iluminação divina e regozijo em Deus. Significa um coração despojado do próprio eu e abençoado pela presença de Cristo. Quando Cristo reina na alma há pureza e libertação do pecado. A glória, a plenitude, a perfeição do plano do evangelho são cumpridas na vida. A aceitação do Salvador traz paz perfeita, perfeito amor, segurança perfeita. A beleza e fragrância do carácter de Cristo, manifestadas na vida, testificam de que em verdade Deus enviou o Seu Filho ao mundo para o salvar.

Cristo não manda Seus seguidores esforçarem-se para brilhar. Diz: *Resplandeça* a vossa luz. Se tendes recebido a graça de Deus, a luz está em vós. Removei os empecilhos, e a glória do Senhor será revelada. A luz resplandecerá para penetrar e dissipar a escuridão. Não podeis deixar de bri-

lhar dentro do círculo da vossa influência.

A revelação da glória do Senhor na forma humana trará o Céu tão perto dos homens que a beleza que adorna o templo interior será vista em toda a alma em que o Salvador habita. Os homens serão cativados pela glória de um Cristo que vive em nós. E em torrentes de louvor e acções de graças das muitas almas assim ganhas para Deus, refluirá glória para o grande Doador. ...

Cristo vem com poder e grande glória. Vem com Sua própria glória e com a glória do Pai. Vem com todos os santos anjos. Ao passo que o mundo todo estará mergulhado em trevas, haverá luz em todos os lares dos santos. Eles hão-de captar os primeiros raios de luz da Sua segunda aparição. A imaculada luz resplandecerá em Seu esplendor, e Cristo, o Redentor, será admirado por todos os que O servirão. Ao passo que os ímpios fugirão de Sua presença, os seguidores de Cristo rejubilarão.

Vislumbrando o tempo do segundo advento de Cristo, disse o patriarca Job: «Vê-l'O-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, O verão» (Job 19:27).

Dos fiéis seguidores, Cristo tem sido companheiro diário, amigo familiar. Viveram em contacto íntimo, em comunhão constante com Deus. A glória de Deus fulgiu sobre eles. Reflectiu-se neles a luz do conhecimento da glória de Deus, na face de

Jesus Cristo. Agora regozijam-se nos raios não ofuscados do resplendor e glória do Rei, em Sua majestade. Estão preparados para a comunhão do Céu; pois têm o Céu no coração.

De frente erguida, os brilhantes raios do Sol da Justiça sobre eles resplandecendo, com júbilo porque a sua redenção se aproxima, saem ao encontro do Esposo, dizendo: «Eis que Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará» (Isa. 25:9).

«E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia: pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-Lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a Sua esposa se aprontou... E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.» «Porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis» (Apoc. 19:6-9; 17:14).

Perguntas para Reflexão

1. Que duas classes de pessoas são representadas pelas virgens? De que modo se assemelham? Em que é que são diferentes?
2. Que é representado pelo óleo?
3. Em vossa opinião, a que período da história se aplica mais especificamente esta parábola? Porquê?

**Neste Sábado, dia 1 de
Dezembro, será levantada
a oferta da Semana de
Oração e Sacrifício.**

Buscando o Tesouro Escondido

NOTA: O meu propósito, ao me referir a estas oito parábolas, é duplo. Primeiro, espero que com a utilização de pormenores factuais e descritivos adicione uma dimensão de relatividade, por vezes ausente nas histórias bíblicas. Segundo e mais importante, espero que as parábolas e as suas aplicações encontrem um lugar permanente nos corações das crianças que as ouvirem.

Devido aos pormenores de geografia bíblica, cultura, etc., que estas histórias incluem, eu encorajo os professores/monitores das crianças a lerem as histórias, palavra por palavra. Em geral, as histórias são escritas com frases curtas e vocabulário simples. Naturalmente, quando necessário, os monitores devem parafrasear para uma audiência muito jovem.

A actividade para a primeira história (fazendo germinar sementes de alfafa [luzerna]) continuará por toda a semana. As próximas três histórias seguem uma sequência no seu simbolismo de Deus à procura dos perdidos. Depois discutiremos a preparação dos nossos corações para Jesus e a renúncia a tudo para obter o tesouro escondido (o reino dos céus). A última leitura conduz as crianças a pensarem no Céu.

SÁBADO

24 de Novembro

O Lavrador e a Semente

Referências da história: *Matheus 13:1-8; Marcos 4:3-8.*

O lavrador João olhou através da janela da sua casa rústica de pedra. Uma chuva suave salpicava de finas gotas os terrenos duros e secos à volta da sua casa. Maria, a filha mais nova, aconchegava-se ao seu lado e ele acariciava o seu cabelo preto. «Pegue-me ao colo, Pai», disse ela, «para eu poder ver a chuva.»

A Mãe balbuciava uma pequena canção enquanto retirava uma panela do lume. «Ainda está a chover depois do jantar», disse ela, «venham agora comer.»

Eles tiveram uma alegre refeição. Era ocasião para estarem felizes, pois as chuvas outonais haviam começado. As chuvas amaciariam as terras ressequidas do sol

e após alguns dias, ventos frios soprariam para longe as nuvens. Depois de um dia ou dois de sol o terreno lamacento secaria e estaria bom para ser lavado.

Após o jantar, o lavrador João foi ao seu alpendre para verificar a sua charrua. A charrua era apenas constituída por um pau em forma de forcado, com uma ponta de ferro no seu extremo. Antigamente, os lavradores usavam bois ou burros para puxarem essas charruas. Era um trabalho difícil guiar a charrua, mesmo depois do terreno ter sido amolecido pela chuva. Eram necessários braços fortes e bons e uns olhos finos. Mas apesar do trabalho ser cansativo, o lavrador estava sempre ansioso por começar a lavar. Depois de se certificar que a charrua estava em boas condições, o lavrador João verificou os seus sacos de semente. Agora nada havia a fazer senão esperar.

Maria corria ao lado do pai enquanto ele abria o primeiro longo e recto rego. Ela conversava e cantava e o pai sentia-se alegre com a sua companhia. Com a mão direita, o lavrador segurava

a charrua. Com a mão esquerda, segurava uma longa vara, com a qual guiava os seus burros. Os burros podiam ser teimosos e ele não tinha tempo para desperdiçar. As segundas chuvas deveriam vir em breve e a sementeira tinha de estar pronta antes delas chegarem.

Por fim, chegou o momento de semear a semente. O lavrador João carregou uma porção de semente colocada numa dobra do seu manto. Ele andava devagar e a cada passo espalhava uma mão cheia de semente num largo semicírculo. Ele procurava arduamente acertar os seus passos com o lançamento da semente, de modo a não perder semente alguma. Mas iria perder muitas para os pássaros que o seguiam, chilreando e pousando, apesar da pequenita Maria os enxotar com gritos e bater as palmas para que eles deixassem de comer as sementes.

O lavrador João costumava semear sementes no Outono desde que se conseguia lembrar disso. Mas este ano foi diferente. Este ano ao atirar o trigo em largos semicírculos, ele tinha algo de

novo e maravilhoso em que pensar. Isto porque o lavrador João tinha escutado um Mestre, um Homem que tinha contado sábias e maravilhosas histórias. As histórias contadas pelo Mestre possuíam significados dentro de significados. E enquanto andava sob o claro céu azul e semeava o trigo, como a sua família havia feito durante milhares de anos, o lavrador João recordava a história do Mestre.

O Mestre contara a história de um lavrador que saíra a semear as suas sementes. Enquanto espalhava as sementes, algumas caíram em cima do caminho e os pássaros desceram e comeram-nas. Outras sementes caíram em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Elas brotaram, mas quando o sol brilhou sobre elas, elas secaram, porque não tinham terra suficiente para aprofundarem boas raízes.

Algumas das sementes caíram entre espinhos e cardos. Elas brotaram, mas as ervas daninhas em breve sufocaram as pequenas plantas e elas morreram. Ainda outras sementes caíram em

bom terreno. As chuvas vieram, o sol brilhou e as sementes cresceram. Por altura da ceifa o lavrador descobriu que as sementes no bom terreno tinham produzido uma boa colheita. Havia produzido 30 ou 60 ou mesmo 100 vezes mais do que as que haviam sido semeadas.

Uma estranha e maravilhosa história, pensou o lavrador João. Ele reflectia nela enquanto lavrava cruzado as fileiras para cobrir as sementes com terra. Ele havia ouvido o Mestre dizer que a semente significava a Palavra de Deus. Como podia ser que a Palavra de Deus pudesse morrer na vida de uma pessoa ou que pudesse crescer e produzir uma colheita 100 vezes maior do que havia sido semeado?

O Mestre contara sábias e maravilhosas histórias. Quando o lavrador João acabou de lavar, olhou para as sementes que haviam caído à beira do caminho. O terreno ali era escasso, cobrindo uma área rochosa. Ele sabia que as sementes cresceriam — mas depois morreriam. Algo agitou a sua mente. Ele desejava ser como o bom terreno. Desejava que a Palavra de Deus realizasse coisas maravilhosas no seu coração.

Actividade: *Leia devagar, em voz alta, Marcos 4:13-20 ou Mateus 13:18-23, em alguma versão moderna. Discuta os tipos de pessoas ilustradas pelos diferentes tipos de terreno. Peça às crianças para darem exemplos de situações que ilustrem os diferentes tipos de sementes. Exemplos: uma pessoa que recusa ouvir a Palavra ilustra a semente arrebatada pelos pássaros; uma pessoa destruída pelos problemas da vida é ilustrada pela semente entre os espinhos. Seja específico. Antes da classe, prepare histó-*

rias para contar, que ilustrem estas quatro situações.

Traga para a classe um vaso com sementes de luzerna germinadas, de modo que as crianças possam ver sementes germinadas. Dê a cada criança um pequeno vaso com algumas sementes de luzerna (ou outras pequenas sementes) para germinarem. Cubra o pequeno vaso com uma rede fina. A germinação ocorrerá mais rápida se puser as sementes de molho, algum tempo, antes de as semear. Ponha uma etiqueta no vaso com o nome da criança e diga a cada criança para borrifar as sementes. Guarde as sementes num quarto escuro. O monitor deve borrifar as sementes uma vez por dia, e a criança deve fazê-lo à noite. Os brotos estarão prontos para comer pelo final da semana.

Sementes de lima podem ser germinadas entre toalhas de papel ou de tecido húmidas. Tais sementes germinadas mostram claramente as raízes e os brotos.

Traga para a classe quatro caixas de amostra de terra, para ilustrar a história.

DOMINGO
25 de Novembro

A Moeda Perdida

Referência da história: Lucas 15:8-10.

A Raquel bateu a palma da mão contra o seu pescoço com um estalido agudo. Levou apenas alguns segundos para os seus dedos deslizarem por cima das moedas que tinha num fio ao pescoço. Onde havia 10,

agora ela só encontrava 9 das moedas de prata que possuía. O tilintar que ouvira e o brilho de prata que vira a brilhar no chão poeirento significava que uma das moedas se havia perdido.

A moeda fazia parte do dote de Raquel, um presente que o seu marido lhe havia dado quando casaram. Cada moeda era um símbolo do seu amor por ela. Cada moeda mostrava que ele cuidava dela e a protegia. Uma vez mais Raquel apalpou o fio delgado que continha as moedas. Uma delas havia caído no chão.

A casa de Raquel era pequena, apenas um quarto, mas firmemente construída de blocos de pedra calcária. Uma pequena janela deixava penetrar um pequeno quadrado de luz. A mobília era simples — um banco baixo, uma mesa e um armário para guardar os pratos. Um fogão de barro, assente no chão, e panelas e ervas secas penduradas nos barrotos. O quarto servia tanto para cozinha como para quarto de dormir, mas logo que a ceia estava terminada, a família arranjava um espaço para estender as suas esteiras e deitavam-se.

Raquel usualmente não acendia uma lamparina durante o dia, porque o azeite era precioso. Mas agora ela disse ao filho mais novo: «Traz à Mamã a almotolia».

Ela alcançou a pequena lamparina que guardava num nicho da parede, mantendo os seus olhos no lugar onde ela pensava que a moeda caíra. Mesmo o pequeno Tito, de 3 anos de idade, sabia que o azeite não devia ser desperdiçado durante o dia e por isso perguntou: «Que se passou?»

Raquel explicou, enquanto vazava cerca de uma colher de chá de azeite na lamparina e acendia a torcida de

algodão. «Agora vai lá para fora brincar enquanto eu procuro», disse-lhe. «Podes desenhar figuras no chão com um pau.»

Lenta e cuidadosamente, Raquel varreu o chão duro de terra batida. Ela fazia uma pequena pausa em cada poucos segundos para deixar assentar o pó. Baixava-se para alumiá-la com a sua lamparina mais próximo do chão, de modo a poder alcançar com a luz o brilho da preciosa moeda. Mas não conseguia achá-la.

Depois, levantando com a mão esquerda a sua longa saia, Raquel ajoelhou-se no chão para procurar de novo. A luz da lamparina brilhava num pálido círculo, mas Raquel não conseguia ver a moeda. Agachou-se e percorreu o chão poeirento centímetro a centímetro, mas a moeda continuava por achar. Procurou nos cantos, debaixo de panelas, mas os seus dedos apenas se sujavam mais, e o pó que estava no ar e o lixo fizeram chorar os seus olhos.

O pequeno Tito permanecia à entrada da porta, mas a mãe não o deixava entrar. «Ajuda a Mamã a procurar a partir da porta», disse-lhe ela. «Vês? Eu segurarei a lamparina pertinho do chão.» Ela estava de gatas agora, isto é, sobre os seus joelhos e mãos, não mais se preocupando em sujar a sua saia. Centímetro a centímetro, ela gatinhou pelo chão fora, procurando a pequena moeda de prata que significava tanto para ela.

O sol, movendo-se através do céu claro e quente, lançou uma sombra contra a janela da casa de Raquel. Uma lumieira de sol não mais ajudava na sua busca. Lágrimas brotaram-lhe dos olhos e correram pelas suas faces abaixo e ela as limpou com a mão empoeirada. O mari-

do chegaria em breve. *Ela precisava de achar a moeda.*

Raquel fez uma pausa e pensou. Talvez a moeda tivesse rolado para um canto. Decidiu então começar no extremo do quarto e procurar daí para o centro. Os seus joelhos doíam-lhe e ela decidiu colocar a saia debaixo deles para evitar partículas de lixo e grãos de areia que já os haviam posto a sangrar. Depois continuou, uma vez mais, a busca lenta e cuidadosamente. Ela colocou a lamparina o mais perto possível do chão, inclinando-a, a fim de conseguir atingir o brilho da moeda de prata.

Os seus dedos sentiram-na e os seus olhos viram-na antes de o seu coração o saber. «Tito!», chamou. «Eu achei-a!» E o pequenito correu para os braços da mãe.

Rapidamente Raquel atou a moeda a uma ponta de um lenço e colocou o lenço bem no fundo do seu bolso. Depois correu para fora, chamando as suas vizinhas: «Miriam! Sara! Achei a minha moeda de casamento. Procurei-a durante horas e achei-a!»

Cabeças mostraram-se às portas e olhos espreitaram através de janelas. Sara abandonou o seu varrer e Miriam deixou o seu pão de cevada a cozer e correu para a rua onde estava Raquel. «Alegrai-vos comigo», disse-lhes Raquel. A sua voz entremeava-se de riso. «Achei a minha moeda perdida!»

Lição: *A parábola retrata Deus como uma dona de casa à procura de uma moeda. A moeda representa alguém que está perdido. Peça às crianças para darem exemplos de pessoas que estão perdidas e não o sabem. (Resposta possível: pessoas que nunca ouviram falar de Jesus). Notem que nesta his-*

tória Deus não desiste da busca até que ache o que se perdeu. Depois Ele chama os Seus vizinhos (quem representam os vizinhos?) para se alegrarem com Ele.

Actividades:

1.º *Faça uma «lamparina bíblica» deitando um pouco de azeite numa chávena ou pires. Mergulhe uma torcida de algodão no azeite e acenda-a. Apague todas as luzes.*

2.º *As crianças gostam de colorir «moedas» de papel, recortá-las e atá-las a um fio para as usarem ao pescoço como uma noiva dos tempos bíblicos. Por vezes a moeda era usada à volta da testa.*

3.º *Faça as crianças representarem a história, cada uma por sua vez.*

SEGUNDA-FEIRA
26 de Novembro

O Bom Pastor

Referência da história: *Mateus 18:12-14; Lucas 15:3-7; Parábolas de Jesus, págs 85-188.*

O pastor tivera um longo e cansativo dia, mas isso é o que se espera na vida de um pastor. Manhã bem cedo, quando os raios solares despontam no horizonte, já o pastor está a pé. Ele sacudira a sua cabeça, esfregara os seus olhos, espreguiçara-se e levantara-se. Ouvira os suaves balidos das ovelhas, murmúrios e resmungos de algumas ovelhas velhas e balidos estridentes de carneiros rudes.

Ele sorriu para si mesmo e olhou para o curral onde

100 ovelhas lanudas o esperavam para as ir soltar. Ele dormia num pequeno abrigo colocado ao lado e um pouco acima do curral. Desse lugar podia ver todas as ovelhas num instante, caso surgisse algum problema e elas precisassem da sua ajuda.

A manhã estava fria, de modo que ele vestiu o seu casaco. Fez o chamado especial de modo a que as suas ovelhas o reconhecessem. Cada pastor tinha o seu chamado especial, diferente de cada outro pastor. Ele desprendeu a porta de madeira e chamou as ovelhas para o seguirem.

O pastor seguiu à frente das ovelhas; não as empurrou. Elas seguiram apenas o som da sua voz. Andaram um longo caminho. Por enquanto haviam seguido ao longo de uma vereda ladeada de campos de searas ondulantes. As ovelhas tinham sido obedientes às ordens do pastor de não tocar nas searas. Por fim chegaram a um prado verde. O pastor mandou-as parar, enquanto atravessava rapidamente o prado. Os seus olhos, já habituados pela prática, notaram uma planta que seria perigosa se fosse comida pelas ovelhas. Então, ele arrancou-a pelas raízes. Por fim chamou as ovelhas e elas espalharam-se pelo prado, pastando.

Enquanto as ovelhas pastavam, ele retirou de um saco o seu próprio almoço, constituído de pão e queijo. Depois de comer, bebeu uma boa quantidade de água de um cantil que transportava no seu cinto.

Agora chegara a noite. Não tinha sido um dia muito difícil. Nenhum animal selvagem havia ameaçado o rebanho. Talvez tivesse estado muito calor. Levava algum tempo para tirar água suficiente do poço profundo

para encher as selhas e dar às ovelhas toda a água que elas precisavam. Ao fim e ao cabo, o pastor estava contente por estar de volta ao aprisco. Depois das ovelhas estarem recolhidas para a noite, ele planeava fazer uma pequena fogueira, cozinhar o seu jantar, tocar a sua flauta de cana dupla e a seguir deitar-se para dormir.

Uma a uma as ovelhas passavam através da porta baixa e arqueada para dentro do curral. Ele chamava a cada uma pelo nome, parando de vez em quando para deitar azeite sobre alguma arranhadela de algum espinho ou para esfregar a cabeça lanuda de alguma delas. Ele contou as ovelhas, uma a uma, ao entrarem no curral: «... 97, 98, 99...» Então olhou para cima sobressaltado, perscrutando o curral. Noventa e nove! Falta uma ovelha. Qual delas seria?

Para uma pessoa que não conheça ovelhas, todas elas lhe parecem iguais — os cordeiros, as ovelhas, os carneiros. E à distância, as ovelhas parecem-se assombrosamente com rochas espalhadas através dos campos e montes. As ovelhas, como as rochas, são de cor branco-acinzentado, pois a sua lã fica empoeirada com o pó do chão. O pastor abaixou a cabeça para passar pela porta do curral, fechou a porta e andou no meio do rebanho. Os seus olhos avistaram a Sara, uma ovelha grande com uma mancha preta na testa. Avistou também a Orquídea e a Rosa, a Maria e a Envergonhada. Cada ovelha tinha um nome, por vezes baseado sobre alguma característica especial do animal. De repente ele percebeu qual delas faltava. Era a Distraída. A Distraída, sempre aventureira, não tinha regressado ao curral.

O pastor falou em voz baixa às ovelhas para as tranquilizar, depois fechou a porta e tomou o seu bordão. Não desejava deixá-las sozinhas, sem ninguém para olhar por elas. Ladrões poderiam vir, arrombar a porta, e roubar uma ou todas as ovelhas enquanto ele estivesse ausente. Um estranho que passasse poderia roubar um cordeiro para uma patuscada.

Mas a Distraída era preciosa. Era uma ovelha nova, brincalhona e barulhenta — o pastor não conseguia conciliar o pensamento de a deixar passar a noite sozinha alhures no campo.

O sol punha-se atrás dos montes quando o pastor deixou o curral à procura da ovelha perdida. Não esperava encontrá-la perto do curral, todavia, começou logo a chamá-la. Quando se fez muito escuro, de modo que não conseguia ver, ele acendeu uma tocha de um tição que levava consigo. Seguindo a tocha por cima da sua cabeça, apressou-se através dos campos chamando pelo nome a Distraída.

Era perigoso para o pastor estar fora sozinho àquela hora. Por vezes havia bandidos prontos para roubar ou matar. Animais selvagens também costumavam sair das suas tocas à noite. Os seus ouvidos estavam atentos a qualquer ruído, os seus olhos olhavam em todas as direcções para verificar algum movimento estranho. Ele ouvia o sussurro de asas de pássaros, o arranhar das unhas de lagarto caminhando sobre rochas. Mas não ouvia a Distraída.

Um vento começou a soprar, fustigando o seu casaco, o que o levou a aconchegá-lo melhor ao corpo. Em breve, nuvens negras cobriram a lua e obliteraram as estrelas. O vento soprava

contra o fogo da sua tocha, de modo que ele teve de a colocar ao abrigo do seu corpo para ela não se apagar.

«Distraída! Distraída!», chamava ele. Então ele ouviu-a. Um «mé...é» tão fraco, que quase se não ouvia. Ele parou, fez o seu chamado especial de pastor e escutou. O som, impelido pelo vento, chegou aos seus ouvidos e ele chamou de novo. Momentos mais tarde, ajoelhou-se no chão, esticando-se para alcançar o pequeno, lastimoso corpo da jovem Distraída, que tinha caído num penhasco. Prendendo a tocha entre duas rochas, o pastor utilizou ambas as mãos e o seu bordão para erguer a ovelha de volta do penhasco. Os espinhos haviam arranhado a pele e a lã da ovelha e ele chorou com pena dela. Por fim, a ovelha estava ofegante aos seus pés.

O que é que fez então o pastor? Espancou-a com o seu bordão? Espicacou-a e aguilhoou-a, gritando-lhe para que se levantasse e se pusesse a caminho de casa? Berrou-lhe, dizendo-lhe quão má ovelha ela tinha sido e que grande maçada que lhe tinha dado?

Lucas diz-nos que quando o pastor achou a sua ovelha, «ele alegremente a coloca aos seus ombros e volta para casa» (Lucas 15:5, 6).

Conseguem imaginar o pastor a aconchegar a ovelha aos seus ombros mornos? A falar-lhe suavemente, confortando-a, amando-a durante todo o caminho de volta a casa?

E o que faz o pastor quando chega de volta ao redil? Atira a ovelha para o curral e vai dormir? Não. Certamente que não. Depois de tão carinhoso tratamento, sabemos que ele lhe deu água a beber, pôs-lhe azeite nalguma arranhadela ou fe-

ridas. Depois «chama os seus amigos e vizinhos e diz-lhes: «Regozijai-vos comigo; pois eu achei a minha ovelha perdida» (V. 6).

Actividades: *As crianças pequenas gostam de colar pequenos pedaços de algodão no desenho de um cordeiro. Debaixo da figura escreva a legenda: «Tenho um pequeno segredo. / Sabem quem eu sou? / Jesus é o meu pastor. / Eu sou o pequeno cordeiro de Jesus.»*

Esta história ilustra as pessoas que estão perdidas, e sabem que estão perdidas, mas são incapazes de se ajudar a si mesmas. Discuta as circunstâncias que possam ocasionar isso. (Respostas possíveis: crianças sujeitas a apertada vigilância, uma pessoa tóxicodependente.)

Divida as crianças em dois grupos. Peça a um grupo para representar a história da ovelha perdida. Peça ao outro grupo para representar uma história de uma pessoa perdida.

TERÇA-FEIRA
27 de Novembro

O Filho que Deixou a Casa Paterna

Referência da história: Lucas 15:11-32; Parábolas de Jesus, págs. 198-200.

O Filipe estava preocupado. Ele pensara nisto durante meses, e não havia maneira de mudar de ideias. Não sabia se conseguiria convencer o seu pai. Mas se o pai recusasse, ele sairia de casa de qualquer maneira, decidiu o Filipe.

— Pai, disse Filipe, tenho estado a pensar. O meu irmão e eu iremos herdar a quinta qualquer dia, não é verdade?

— Sim. Com certeza. Tu e o Daniel irão dividir a quinta depois de eu morrer.

— Bem, eu quero a minha parte já.

O pai olhou-o surpreendido.

— O pai deve saber isso muito bem, disse-lhe Filipe. Eu vou deixar a quinta. Detesto trabalhar lá fora sob o sol escaldante e odeio todos os regulamentos.

Por fim o pai aquiesceu e o Filipe empacotou algumas coisas, ansioso por partir. Foi muito duro para a mãe saber dessa decisão do filho, mas Filipe já o esperava. Ela coseu a maior parte do seu dinheiro nas bainhas das suas roupas de maneira a que ele não o perdesse. E chorou muito também.

Filipe não esperava que a sua decisão fizesse sofrer tanto o pai, como estava a acontecer. Naquela última manhã, o pai insistiu em chegar a um acordo com ele.

— O pai não precisa de se preocupar. Eu posso ir sozinho, disse-lhe Filipe.

— O pai colocou a mão sobre os ombros do filho e disse-lhe:

— Não digas ao teu velho pai que ele não pode caminhar contigo!

E assim ambos desceram a estrada juntos. Por fim o pai parou e acenou ao filho para olhar para trás. A casa da quinta, alta e robusta, encontrava-se entre campos de searas.

— Esta é a tua casa, disse-lhe o pai. Lembra-te sempre de que esta é a tua casa.

O Filipe assobiava enquanto se afastava, sem sequer olhar para trás. Ele não tinha a certeza para onde ia — certamente que iria muito para além das poucas lo-

calidades que ficavam mais próximas da quinta do pai. Viajaria para tão longe quanto fosse necessário até que chegasse a um lugar onde as pessoas vivessem pelos seus próprios regulamentos.

De vez em quando Filipe apanhava boleia na carroça de algum fazendeiro. Uma vez ele viajou um dia inteiro com uma caravana. Quando chegou à primeira grande cidade, ele estava pronto para parar.

A vida ali era em grande. Ele nunca se cansava da actividade naquela grande cidade. Havia sempre alguma coisa nova para ver ou fazer. Ninguém o aconselhava como escolher os seus amigos. Ninguém lhe dizia como gastar o seu dinheiro.

O Filipe não era estúpido. Ele não brincava o tempo todo. Ele trabalhava de vez em quando, ganhando algum dinheiro. E assim passou o Verão e chegou o Inverno, e este passou também e chegou a Primavera e por fim chegou de novo o Verão e o Filipe continuava feliz.

Então, quase sem aviso, surgiram dificuldades. A Bíblia diz que uma fome grave se abateu sobre a terra. O dinheiro do Filipe começou a acabar, ao mesmo tempo que era difícil arranjar trabalho. Para sua surpresa, quando se lhe acabou o dinheiro, os amigos abandonaram-no. Ele começou a vender as suas roupas para poder comprar comida. Foi expulso do seu apartamento, porque não tinha dinheiro para pagar a renda, de maneira que viu-se obrigado a andar ruas acima e abaixo à procura de trabalho e mendigando por comida.

Era perigoso viver nas ruas da cidade e dormir nos bancos e bancos de jardins. Podiam agredi-lo ou matá-lo apenas para lhe roubar o far-

rapo em que se embrulhava para se resguardar do frio da noite. Assim, decidiu ir para uma zona rural e aí pedir trabalho aos lavradores. Finalmente um lavrador condeu-se dele e deu-lhe o trabalho de guardar porcos. O seu estômago doía-lhe com a fome, enquanto ele observava os porcos a fossar na lama à procura da comida que o lavrador lhes lançava. Ele desejava saltar a cerca e lutar com os porcos para se apoderar dos restos da comida deles.

De repente, algo lhe ocorreu à mente: *Os servos do meu pai comem cem vezes melhor do que isto! Voltarei para o meu pai e pedir-lhe-ei perdão. Pedir-lhe-ei para me receber em sua casa como um dos seus servos assalariados.* Com este pensamento em mente, ele deixou os porcos e iniciou a longa caminhada de volta a casa.

O Filipe tinha muitos quilómetros a andar, mas não desistiria. E enquanto caminhava dolorosamente quilómetro após quilómetro, praticava o que iria dizer ao seu pai. «Pequei. Já não sou digno de ser chamado teu filho...»

Era já à tardinha quando avistou a casa da quinta, alta e robusta, erguendo-se contra os montes distantes. Parou, esperando, pensando. Ele estava agora assustado por estar tão perto de casa. Que aconteceria se o pai não o quisesse receber de volta a casa? Ele não havia planeado regressar. Que aconteceria se o pai não o quisesse?

Filipe estava cansado e fraco. As suas roupas estavam sujas e esfarrapadas. Talvez ele apenas rastejasse para o extremo da quinta e dormisse num estábulo. Talvez se pudesse lavar na manhã seguinte e assim poder encontrar-se com o seu pai.

Oh, não! Agora era demasiado tarde para se esconder. Alguém vinha ao longe ao seu encontro. Não, alguém corria ao seu encontro. Era o seu pai.

— Filipe! Filipe! — chamou o velho pai.

Filipe cheirava a porcos e a suor, mas o pai não se importou. Ele estendeu os seus braços para o filho e abraçou-o e beijou-o.

— Pai, pequei, tentou Filipe dizer-lhe. Já não sou digno de ser chamado teu filho.

Tragam o Melhor

O pai não o ouvia. Lágrimas corriam-lhe pelas faces abaixo. Ele despiu o seu manto e vestiu-o ao seu filho.

— Deixa-me voltar para casa e trabalhar como um dos teus servos, disse-lhe o filho, mas o pai não quis ouvir. O pai chamou um servo:

— Tragam o meu melhor vestido para este meu filho e dêem ordens ao cozinheiro para começar a preparar uma festa. E antes que Filipe pudesse objectar, o pai impeliu-o para dentro de casa.

Naquela noite eles tiveram uma festa. O pai convidou os vizinhos e a casa depressa se encheu com música, cânticos e risos.

Jesus contou esta história para mostrar como Deus trata as pessoas que pecaram e que voltam para Ele. Já ouvimos três histórias que mostram como Deus trata as pessoas que estão perdidas. Vocês lembram-se que a dona da casa procurou a moeda (que não sabia que estava perdida) e o pastor procurou a ovelha (que sabia que estava perdida, mas não sabia como voltar a casa).

Na história do filho pródigo, o pai (que representa Deus) não foi para a cidade para persuadir o filho a vol-

tar para casa. O filho sabia que estava perdido, e sabia como voltar para casa. O pai não o obrigou a voltar para casa, e Deus não nos obriga a amá-lo e a obedecer-lhe. Mas o pai, que representa Deus, estava esperando e espreitando o regresso do seu filho. E quando ele viu o Filipe, correu para ele. Abraçou-o e beijou-o e organizou uma festa para mostrar quão feliz estava por o seu filho ter voltado.

Actividade: *Dê a cada criança um pedaço de papel e um lápis. Peça-lhes para desenharem alguma coisa que o filho recebeu quando chegou a casa. Pode preferir dividir as crianças em pequenos grupos de modo a ser mais fácil partilharem entre si as suas ideias, depois peça aos dirigentes de grupo para partilharem as suas respostas com toda a classe.*

QUARTA-FEIRA
28 de Novembro

Um Homem muito Insensato

Referência da história: Mateus 7:24-27.

Um homem muito insensato mudou-se uma vez para a terra da Palestina. Ele tinha muito dinheiro para gastar, mas não era muito esperto. Todavia, sabia o que queria e tinha o dinheiro para o adquirir. Queria uma casa grande e bela, construída afastada das casas pequenas das pessoas pobres.

Ele escolheu um lugar

maravilhoso para construir a sua casa. A maior parte da Palestina é árida. Tem pouca chuva durante a maior parte do ano e onde não chove, a erva é escassa e as árvores poucas. A terra, não obstante, é bonita, com altos e baixos de formas interessantes. E quando o sol nasce de manhã e se põe à noite, longas sombras cobrem o chão arenoso. Sobre uma bela planície o homem decidiu construir a sua casa.

Contratou carpinteiros e pedreiros, que iniciaram os trabalhos. A casa seria construída com a melhor pedra obtida na região. Os quartos do primeiro andar seriam construídos ao redor de um pátio interior. O telhado do segundo andar seria como um pátio, isto é, um terraço, onde as pessoas podiam sentar-se e receber visitas ou até dormir fora sob as estrelas. Um pequeno estábulo para as cabras, ovelhas e burros seria construído num dos lados.

Os alicerces e as paredes tinham já um metro de altura quando aconteceu passar por ali um viajante. A boca do viajante abriu-se com surpresa.

— O que está a fazer? perguntou ele ao homem rico.

— Não vês? Estou a construir uma casa. Não é este o melhor local no mundo? O homem insensato apontou com o seu braço para os montes suaves e arredondados que se erguiam à distância.

— Mas o senhor não deve construir *aqui*, disse-lhe o estranho. O senhor está a construir a sua casa sobre areia. Quando vierem as chuvas, elas derribarão a casa. O lugar onde está a construir é uma larga ravina, que vai inundar-se quando vierem as chuvas.

Os olhos do homem insensato pestanejaram sob as

suas sobrancelhas espessas. A sua boca, quase escondida pela sua farta barba preta, abriu-se largamente com um sorriso:

— Eu não estou doido! — protestou ele. — Eu nunca construiria uma casa sobre areia. Este terreno é bom. E as inundações nunca chegaram aqui. Não há rio algum por quilómetros aqui à volta! E a seguir virou-se para um trabalhador que deixara de martelar para ouvir a conversa.

O estranho abaixou-se e apanhou uma mão cheia de terra. Esfregou-a entre os dedos, depois apertou-a na sua mão fechada. Lentamente, depois cada vez mais rápido, a terra arenosa escapou-se por entre os seus dedos para o chão.

— Bem, eu gostaria de ficar mais tempo a conversar, disse o homem insensato, enquanto pegava no braço do estranho e o impelia a continuar o seu caminho, mas eu tenho de continuar com o meu trabalho. Estes trabalhadores pararão se eu não os vigiar.

Era uma bela casa. Do terraço, o homem insensato podia contemplar uma vista por quilómetros de distância. Ele sorriu com orgulho. Plantaria uma vinha na encosta do lado sul, e acrescentaria um quarto dentro de um ano ou dois. A mulher com quem estava prestes a casar ficaria maravilhada com aquela grande casa.

Tudo correu bem durante algum tempo. A sua noiva gostava muito da sua nova casa. No pátio da casa havia um poço profundo que dava água doce fresca que ela usava para regar a sua horta de pepinos, cebolas e melões.

As primeiras chuvas vieram em Setembro. Foram suaves. O homem riu-se para si mesmo ao lembrar-se

do estranho. Não havia nada de errado com a sua casa. De facto, a chuva ensoopou a terra queimada do sol, amaciando-a de tal maneira que ele pôde começar a lavar. A vida era, na verdade, muito bela.

Então começaram as chuvas principais, as chuvas torrenciais. A sua esposa correu por toda a casa a tapar as fendas para impedir que o vento, acompanhado da chuva, entrasse por essas fendas. O homem apenas ria, de pé nos seus campos, ao observar a sua bela e robusta casa.

Pesadas nuvens negras correram através dos montes atrás da casa. Relâmpagos iluminaram o céu. E bastante longe, onde ele não pôde ver, uma tromba de água descarregou vários milhões de litros de água nos montes ressequidos pelo sol. Não havia árvores para reter a água. Não havia erva para a embeber. Deste modo, um milho de pequenos regatos correu por cima do terreno seco, apressando-se pelas encostas abaixo da ravina alguns quilómetros acima do local onde estava a bela casa.

Com o percorrer de cada quilómetro o regato tornava-se mais largo, mais profundo e rápido. Agora ele borbulhava e corria violentamente. Pequenos pedaços de mandeira e grandes pedras eram sacudidos para cima e para baixo na espuma lamente. Mas o homem insensato não o sabia. Não o sabia ainda...

A esposa começou a preocupar-se com a sua horta e jardim. — Talvez eu devesse cobrir as minhas plantas, disse ela para o marido. Esta chuva vai deitá-las ao chão.

Ele olhou para ela e riu-se. Pôs de lado a toalha com que se estivera a limpar, e disse:

— Está bem, faz o que disseste. Eu penso que permaneceré aqui onde está seco.

Ela abriu a porta e correu para fora. Um momento depois, voltou:

— Marido! Socorro! gritou ela. E correu para fora de novo, apressando-se para o estábulo para soltar o gado.

Resmungando, ele dirigiu-se para a porta. Não queria sair lá para fora, para a chuva.

— Escapa-te pela tua vida! — gritou-lhe a esposa, puxando-o com todas as suas forças. Ofegando e suspirando, eles gatinharam por um morro lamacento acima. Naquele momento uma gigantesca onda de água precipitava-se pela larga ravina abaixo. Bateu contra a casa com um ímpeto tal que produziu um ruído semelhante ao de um trovão. Ondas espumavam à volta das janelas. Correntes inferiores varreram o terreno arenoso debaixo da casa. A inundação passou rápida, a água espumosa e barrenta estendendo-se atrás e à frente da casa tão longe quanto o casal podia ver. E depois, com um tremendo estrondo, a grande e bela casa ruiu.

Quando Jesus contou esta história, Ele disse que qualquer que ouvisse as suas palavras e as praticasse seria como um homem sábio que construiu a sua casa sobre a rocha. A chuva caiu, os regatos cresceram, os ventos sopraram e bateram contra aquela casa, todavia ela não caiu. Mas Jesus acrescentou que as pessoas que ouvem as Suas palavras e não as praticam são como o homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Quando vieram as chuvas, quando as correntes engrossaram e os ventos fortes sopraram, a casa caiu com um grande estrondo.

Atividade: *O conceito de aceitar a «Verdade» e «construir sobre a rocha» será abstrato para crianças pequenas. Pode ser uma história de entretenimento e uma canção engraçada para cantar, mas tem pouco significado. Faça-as compreender o seu significado contando-lhes outra história ou duas da sua experiência: uma criança que é tentada a mentir mas não o faz, uma criança que é tentada a desobedecer mas não o faz. Essa criança está a construir a sua vida sobre sólida rocha!*

No terramoto de S. Francisco, Califórnia, E.U.A., em 1989, foram as casas, grandes e belas, que estavam construídas sobre terra roubada ao mar, que ficaram destruídas. O terreno arenoso tornou-se como líquido, como geleia, quando a terra tremeu.

Certifique-se de concluir esta história dramática de modo positivo. Deus ajudará a construir as nossas «casas», as nossas vidas, sobre a rocha da Sua Palavra. Podemos fazê-lo decorando versos áureos, sendo amáveis, fazendo boas obras a favor de outros. Divida as crianças em grupos de 3 ou 4, ficando um adulto ou criança mais velha com cada grupo. Peça a cada grupo para escrever uma história verdadeira sobre alguma coisa boa que uma criança tenha feito. Estas histórias podem ser compiladas num pequeno livro e policopiadas, para que cada criança receba o seu exemplar.

QUINTA-FEIRA
29 de Novembro

O Tesouro Escondido

Referência da história: Mateus 13:44-46.

O senhor Matias apresentou-se ao longo do campo seco e cheio de ervas daninhas. A última seara havia sido colhida um ano antes. Por qualquer razão ninguém havia utilizado o campo o ano passado, e ele tinha tido bastante sorte em o poder alugar para seu próprio uso. Na Palestina, no tempo de Jesus, só os fazendeiros ricos é que possuíam as suas próprias terras. A maior parte das pessoas semeavam o seu trigo e cevada em campos alugados aos proprietários ricos. Naturalmente, que as pessoas que viviam em casas aglomeradas numa cidade não tinham campos abertos nos seus quintais traseiros.

E era num campo assim, alugado, que o senhor Matias caminhava. Ele fora agricultor durante toda a sua vida e sabia dizer, só com uma vista de olhos, se um campo era demasiado árido ou rochoso para produzir bom grão. Ele notou um par de sulcos correndo como rios secos através da propriedade. As fortes chuvas extras do Outono passado devem ter varrido toda a imundície. «Eu terei de os encher», disse ele de si para si. E suspirou ao pensar no trabalho que era preciso fazer para cavar o solo rochoso duro, numa parte do campo, e carregá-lo para encher os sulcos.

Ele abaixou-se junto a um

dos sulcos, remexendo no lixo com um pau. O solo estava duro. Precisava de chuva. O seu vestido colava-se ao seu corpo devido ao suor. Depois, ao erguer-se, ele viu alguma coisa que o fez ajoelhar-se e remexer no terreno com as suas próprias mãos.

A sua respiração tornou-se ofegante. O seu coração começou a bater mais rápido. Não podia ser. Era impossível. Ele havia ouvido falar de tais coisas, mas não, isso não era possível! Os seus dedos sangravam de estar a remexer no terreno rochoso. Agarrou então no pau e bateu no chão por debaixo de um grande pote de barro. O suor escorria pela sua face abaixo, esopando a sua barba. Ele sentia-se leve como uma pena devido ao calor e à excitação.

Por fim ergueu do chão o pesado pote de barro. Estava às tiras e rachado, mas, surpreendentemente, inquebrado. Há quanto tempo estava ele enterrado? Continha alguma coisa? Ele sacudiu-o suavemente e ouviu um tilintar abafado de alguma coisa remexendo dentro. «Não é possível! Não é possível!»

As suas mãos tremiam enquanto ele tentava espreitar através da tampa de chumbo que tapava a boca do vaso de barro. Ele precisava de ser cuidadoso para não quebrar o vaso. Por fim conseguiu abrir o vaso. Inclinando-o, saíram dele uma mão cheia de moedas, depois um regaço cheio de moedas. Dinheiro! Mais dinheiro do que ele conseguiria ver em toda a sua vida. Numa dúzia de vidas. Alguém tinha escondido o pote de barro no campo. Talvez tivesse sido durante o tempo de guerra. Ou talvez um homem rico o tivesse escondido, por causa dos seus

inimigos. As moedas estavam velhas e engrecidas, mas eram verdadeiras.

O senhor Matias olhou à sua volta. De repente assustou-se. Alguém o terá visto? Não. Ninguém estava por ali. O seu coração batia com tanta força que ele pensou que lhe pudesse sair do peito enquanto punha de volta no buraco o vaso e o enterrava de novo. Depois levantou-se e apressou-se a voltar para casa.

A sua mente cogitava de modo muito rápido enquanto ele atravessava o campo de volta à cidade e à sua casa numa rua estreita. Ele precisava de ter um plano definido. Se possuísse o campo, o vaso escondido e tudo o que ele continha seria seu. Mas como poderia comprar o campo?

Ele mal tocou na sua ceia, naquela noite, e a sua esposa ficou muito intrigada a pensar que ele estava doente. Até os seus filhos notaram que algo não estava bem com o pai. Ele também não conseguiu dormir aquela noite. Somente uma coisa ocupava a sua mente. Precisava de comprar o campo. Tinha de haver uma maneira de o conseguir.

A primeira coisa que fez na manhã seguinte foi dirigir-se ao dono do campo e perguntar-lhe por quanto venderia o campo. O preço era razoável, mas era mais dinheiro do que ele conseguiria arranjar. Ele andou pelas ruas da cidade toda a manhã, depois dirigiu-se apressadamente para o campo — o seu campo. Não ousou desenterrar o vaso outra vez, mas por aquilo que pôde observar ninguém mais lhe tinha tocado.

Naquela tarde ele tomou uma decisão. Em primeiro lugar, não poderia dizer a ninguém o que tinha achado. Não podia confiar em nin-

guém, porque se alguém soubesse, o segredo poderia desfazer-se. Segundo, ele venderia tudo o que possuía para poder comprar aquele campo.

Então dirigiu-se para o mercado a fim de anunciar que ia vender a casa. Que mais poderia ele vender? As suas ferramentas. Com certeza. Elas estavam bem feitas e poderiam ser vendidas. Ele precisava de vender tudo pelo melhor preço, ou então não conseguiria arranjar o dinheiro suficiente para comprar o campo. A sua mente voava mais rápido do que os seus pés, ao fazer planos, planos, planos.

A sua esposa pensava que ele tinha enlouquecido e os seus filhos estavam confusos. Mas, uma a uma, as suas ferramentas, o seu banco de trabalho de carpinteiro, a sua charrua e os burros que puxavam a charrua, tudo foi sendo vendido pelo senhor Matias. Mesmo as galinhas da sua esposa, as esteiras onde dormiam, os cestos onde guardavam comida, tudo quanto ele pôde apanhar, ele vendeu. Por fim, vendeu a casa. Ele e a sua família ficaram na rua. Tudo quanto possuíam era o que tinham em cima do corpo ou nas mãos. A sua filha tinha alguns pequenos enfeites. O seu filho tinha uma bola de madeira. A sua esposa nunca parava de chorar.

Tinha sido um pesadelo, mas por fim o senhor Matias tinha o dinheiro suficiente para comprar o campo. O homem deu-lhe um recibo de venda e um pequeno mapa onde estavam assinaladas as extremas do campo. O homem estava indiferente e um pouco aborrecido. Ele não imaginava por que razão o pobre senhor Matias queria comprar um campo tão árido e tão rochoso, e não se

incomodava com isso. O pouco dinheiro que até ali recebera dos seus alugueres, mal tinha dado para pagar as contribuições prediais.

A família do senhor Matias esperou na rua. Estavam confusos e exaustos. O pai continuava a não falar muito; ele apenas começou a andar e disse-lhes para o seguirem. Enquanto caminhava depressa, assobiava uma bela melodia. A sua esposa, entretanto, começou a chorar de novo.

Já estavam fora da cidade, a andar pela estrada poeirenta abaixo, na direcção do campo. O seu campo. Era um terreno duro e seco. Ervas daninhas cresciam em tufo por todo o campo e o restolho da última colheita arranhava os tornozelos. «Venham! Venham!» ordenava o senhor Matias, mas eles não se apressavam. Eles não conseguiam andar mais depressa. Parecia-lhes que o pai tinha enlouquecido.

De repente o senhor Matias ajoelhou-se e começou a escavar. A pequena família ficou de pé à sua volta, observando intrigada. Eles ainda não compreendiam. Um momento depois o pai ergueu um grande pote de barro. Olhou para eles com uma grande careta na sua face. Ele sacudi o pote e eles puderam ouvir o tilintar de moedas dentro do pote.

Então toda a história se desvendou. Como ele tinha achado o pote cheio de dinheiro. Como ele não ousou contar a ninguém acerca do achado. E como ele precisava de vender tudo quanto possuía para conseguir arranjar o dinheiro suficiente para comprar o campo. Agora todos choravam, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Nós estamos ricos. Podemos comprar uma casa nova. Podemos comprar tu-

do o que precisamos. Possuímos este campo. Temos mais dinheiro do que eu alguma vez sonhei ver em toda a minha vida!

A mãe agarrou na mão do pai e ambos dançaram à volta do campo rochoso. Os filhos dançaram também.

Actividade: *Leiam o texto de hoje em voz alta. Expliquem como Jesus procurou ensinar como podemos aprender o que é mais valioso (o reino dos Céus; a vida eterna), então não deixemos nada interpor-se no caminho para o alcançar. Faça uma lista das coisas importantes. A lista pode incluir coisas intangíveis como um sorriso e um abraço. As crianças mais velhas compreendem que uma educação é valiosa. O amor familiar é de grande valor. A amizade também. E o melhor de tudo: o reino dos Céus.*

Recolha pequenos calhaus e peça às crianças para desenharem flores ou escreverem dizeres neles. Use a sua imaginação.

SEXTA-FEIRA
30 de Novembro

O Bom Samaritano

Referência da história: Lucas 10:30-37

— **S**ê bastante cauteloso, disse a senhora Rosa ao seu marido. Não descansarei até que estejas de volta a casa.

O senhor Jonas apertou o cinturão da sua túnica e a sua mão apalçou o seu pequeno saco de dinheiro que carregava debaixo da túnica.

— Tu preocupas-te muito, disse ele para ela. Eu serei cuidadoso. Talvez haja outro viajante que viaje comigo.

A senhora Rosa suspirou e meteu um pequeno pacote na mão do marido. Preparei-te aí um pequeno lanche, disse-lhe. Agora não te aflijas por ninharias. 32 km é uma longa distância para caminhar, e ficarás satisfeito se a tiveres andado estando o sol ainda bastante alto.

Ele não pôde conter-se sem se rir: Isto vai atrasar-me, com toda a certeza. O que puseste aqui dentro?

— Apenas alguns peixes e um pão achatado. Também pus algum sumo e figos secos. Vê se tens bastante cuidado e volta depressa para casa.

A esposa acompanhou o marido até à porta. O sol ainda não tinha ultrapassado os montes do deserto da Judeia, mas já toda a Jerusalém estava agitada. Os galos cantavam. As vacas mugiam. Os vendedores ambulantes estavam já a pé e a andar de um lado para o outro, com os seus sacos de bujngangas aos ombros.

— Estarei de volta dentro de três dias, disse o marido para a esposa. Quatro dias no muito. Espera-me à noite.

Ele saiu, acariciou o longo cabelo preto da esposa e partiu.

A estrada que descia de Jerusalém para Jericó era escabrosa e estreita. Seguiu através de um leito seco de rio, um desfiladeiro, cavado há longos anos por inundações. Cada passo que o senhor Jonas dava conduzia-o para mais baixo no vale. Ele andava apressadamente, murmurando para si mesmo. A viagem não seria fácil, mas ele tinha negócios a tratar. Esperava que a sua esposa não se preocupasse. O

cheiro característico do peixe seco fazia-lhe comichão no nariz e ele riu-se em voz alta.

Havia pedras grandes a juncar o caminho, e de vez em quando ele tinha de contornar pilhas de cascalho. O sol espreitava por cima do horizonte e de repente os montes áridos da Judeia resplandeceram com uma luz dourada. O senhor Jonas começou a andar mais depressa. Ele desejava ter encontrado alguém com quem caminhar. Era uma estrada perigosa, conhecida pela presença de bandidos e ladrões. Mas ele não estava preocupado. Ele era forte e corajoso.

O sol subia cada vez mais alto. A sua luz clara corava os montes do deserto. Ele olhava vesgamente contra a luz e puxou o seu turbante para cima dos olhos para lhes fazer sombra contra a luz intensa do sol. Os montes estavam cheios de pequenas grutas. Pareciam-lhe olhos pretos cegos que o faziam ficar nervoso. Um homem podia esconder-se numa gruta e saltar para fora para roubar uma pessoa. Animais selvagens por vezes escondiam-se nelas, mas ele não tinha medo de animais selvagens. Pelo menos durante o dia. Ele viu lagartos ao sol, ao lado da estrada. De vez em quando um corria a atravessar a estrada e ele parava para evitar pisá-lo.

De repente, sem aviso, os ladrões rodearam-no. Um saltou-lhe para as costas. Outro deu-lhe um soco forte no estômago. Eles rasgaram-lhe as roupas, tiram-lhe o seu lanche e o seu saco de dinheiro, deram-lhe vários pontapés e bofetadas e por fim deixaram-no moribundo para morrer sob o sol escladante do deserto.

Ele não se lembra de quanto tempo ali ficou. Nin-

guém ouviu os seus gemidos. Ninguém viu as moscas que zumbiam por cima das suas feridas sanguinolentas. Então, por fim, ouviu passos. Tentou gritar, mas a sua garganta estava muito seca. Os passos aproximavam-se, mas nunca abrandavam. Era um sacerdote, um homem que servia a Deus no Templo. Mas o sacerdote não olharia para ele, passaria apressado ao lado.

O senhor Jonas então desmaiou. Não se apercebeu de outros passos que se tinham seguido. Ele não viu o Levita, um homem rico, puxar para cima as suas vestes e afastar-se rapidamente.

O senhor Jonas recuperou os sentidos quando alguém deitava água na sua boca e na sua cara. Mãos carinhosas estavam-lhe lavando as feridas. Ele sentiu azeite a aliviar-lhe as dores dos golpes que lhe dilaceravam a pele. Ouviu uma voz suave murmurando palavras encorajadoras. Ele tentou abrir os olhos e falar, mas foi-lhe impossível. Sentiu-se a ser levantado, a ser colocado sobre o dorso de um burro. A seguir braços fortes o ampararam e a voz amável ordenou ao burro para andar.

O seu corpo doía-lhe com cada movimento dos passos do burro e ele sentia-se a recuperar os sentidos.

— Quem é o senhor? — perguntou ele por fim.

O homem sorriu por entre dentes.

— O senhor está a acordar, não é verdade? Penso que já é tempo para isso. — O homem deu o seu nome e acrescentou: sou de Samaria. O senhor teve sorte por eu estar a caminho de Jericó. O senhor deve descansar um bom bocado antes de poder continuar a viagem de novo.

De vez em quando, o Samaritano mandava parar o

burro para ver se o senhor Jonas ia bem. Deitava mais azeite nas suas feridas e cobria-lhe as costas com o seu próprio manto.

Já estava escuro quando chegaram a Jericó. O samaritano levou o senhor Jonas para uma estalagem e ajudou o estalajadeiro a deitá-lo numa cama. Ele ficou com ele durante a noite, dando-lhe água quando acordava sobressaltado. Na manhã seguinte o Samaritano deu duas moedas de prata ao estalajadeiro e disse-lhe:

— Toma conta deste homem. Quando eu voltar pagar-te-ei tudo o que gastares a mais com ele.

Depois de Jesus ter contado esta história, Ele perguntou: «Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?» (Lucas 10:36).

Actividades:

1. ° *Discuta o significado da palavra «próximo» no sentido em que Jesus a usou.*

2. ° *Explique porque era tão invulgar um samaritano ajudar um judeu.*

3. ° *Dê a cada criança um marcador ou um pouco de plasticina. Peça a cada criança para fazer com isso uma figura que ilustre como alguém pode ser um verdadeiro próximo.*

4. ° *Apresente problemas que ilustrem necessidades. Peças às crianças para dizerem como poderiam ser bons próximos em tais situações. Torne tais ilustrações tão reais quanto possível.*

SÁBADO

1 de Dezembro

As 10 Virgens

Referência da história: Mateus 25:1-13

Todas as pessoas gostam de um casamento. Pelo menos a maior parte das raparigas gosta. Quando Jesus viveu na terra, os casamentos eram grandes acontecimentos, muito maiores do que o são hoje. A festa de casamento de pessoas ricas poderia durar vários dias. Vocês lembram-se que Jesus realizou o Seu primeiro milagre numa festa de casamento. A festa prolongou-se por tanto tempo que eles esgotaram o sumo de uva.

Jesus contou a história de outro casamento, ou melhor de 10 moças que seriam damas de honor num casamento. Jesus disse que o que aconteceu com elas ilustra o que acontecerá com as pessoas quando Ele vier.

Dez virgens, vestidas com os seus melhores vestidos, saíram a encontrar-se com o noivo. Que coisa estranha era essa então. Quando um casal casa hoje, as damas de honor não vão para a cidade à noite à espera que chegue o noivo. Mas isso era o que faziam no tempo de Jesus. Fazia parte da festa as moças esperarem pela chegada do noivo. E o noivo chegava sempre tarde.

Porque era noite, cada uma das 10 moças levava consigo uma pequena lâmpada de azeite. Cinco das moças eram previdentes. Elas sabiam que o noivo podia tardar e que o azeite se podia esgotar nas suas lâm-

padas. E por isso carregaram consigo pequenos jarros de azeite.

Mas as outras cinco moças não acharam que seria razoável levarem algum azeite extra. Talvez fossem descuidadas. Talvez fossem preguiçosas. E tudo isso é muito mais lamentável porque era muito fácil levarem azeite extra.

Os arqueólogos (pessoas que escavam para encontrar coisas enterradas há muitos anos) acharam a espécie de jarros de azeite que as moças prudentes carregaram consigo. Eles são pequenos, com apenas 8 a 10 cm de comprimento. Contêm exatamente a quantidade de azeite suficiente para encher uma pequena lâmpada de azeite. As pessoas carregavam os pequenos jarros pendurados no pulso presos a uma correia de couro cru. É interessante notar que as ro-lhas destes jarros eram fre-

quentemente esculpidas em formas fantasiosas, tais como cabeças de animais.

De qualquer maneira, entardecia cada vez mais e o noivo sem aparecer. As moças ficaram cansadas de ficar de pé e espreitar, de modo que se sentaram. Depois ficaram sonolentas. Uma após outra, começaram a bocejar. E depois — todas adormeceram.

À meia-noite ouviu-se um grito na escuridão: «O noivo vem aí!»

Todas as 10 moças se levantaram rapidamente. Esfregaram os seus olhos e alisaram os seus cabelos, mas oh, algo estava mal. As suas lâmpadas estavam-se apagando. Elas tiraram o morrão das torcidas, espevitaram-nas, e inclinaram as lâmpadas de modo que as torcidas pudessem apanhar as últimas gotas de azeite. Mas era demasiado tarde. As lâmpadas estavam quase vazias.

As cinco moças previdentes depressa despejaram o azeite extra dos seus jarros nas lâmpadas. Dentro de segundos as suas lâmpadas brilhavam de novo.

As cinco moças insensatas suplicaram:

— Dai-nos algum do vosso azeite para as nossas lâmpadas, pois elas também se estão a apagar.

— «Não, foi a resposta. Pode não chegar para nós e para vós. Ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós mesmas» (Mat. 25:9).

Não havia nada mais a fazer, senão correr à cidade para achar alguém que lhes vendesse azeite. mas enquanto elas foram, o noivo e o seu cortejo chegaram andando apressadamente pela estrada abaixo. Vinham a rir e a cantar e as cinco virgens prudentes rapidamente se juntaram ao feliz grupo. Todos entraram para o salão do banquete nupcial e a porta fechou-se.

Algum tempo depois as cinco virgens loucas voltaram.

— Deixai-nos entrar, clamaram elas junto à porta fechada. — Abri-nos a porta!

Mas o porteiro respondeu: «Digo-vos a verdade, não vos conheço» (versículo 12).

«Por conseguinte», disse Jesus, «vigiai, porque vós não sabeis o dia nem a hora (quando Jesus virá)» (versículo 13).

Não pensam que aquelas são as palavras mais tristes de toda a Bíblia — «Não vos conheço»? Mas o que há de bom nesta história é que Jesus a contou para ajudar os Seus seguidores a prepararem-se para a Sua vinda.

Jesus está para vir. Não sabemos o dia ou a hora, mas sabemos que será em breve. Ele tomará aqueles que estiverem preparados para O encontrar e levá-los-á para o Céu. E estas são as

melhores boas novas em todo o mundo!

Atividades:

Como podemos preparar-nos para a vinda de Jesus? Saliente que a obediência e que as coisas boas e amáveis que fizermos mostram que aceitámos o sacrifício de Jesus e estamos a viver para Ele.

Prepare um pequeno rolo ou outro dispositivo com as palavras de João 3:16 escritas nele, para as crianças levarem para casa. As crianças mais velhas apreciarão fazer os seus próprios rolos ou livros.

Divida as crianças em grupos e dê a cada grupo uma das parábolas estudadas esta semana e peça que cada grupo represente a sua actuação, peça aos outros grupos para dizerem que parábola foi representada.

Fale sobre o Céu. Tente ultrapassar o estágio de «montar um leão» para outros aspectos do Céu. Fale acerca do perdão. Fale acerca do viver sem medo. Todas as pessoas no mundo de hoje vivem assustadas. Fale acerca de ser capaz de falar com estranhos sem temor; acerca de viajar sem o receio do carro avariar ou de alguém se constipar durante a viagem. Mantenha a discussão ao nível das crianças, mas ajude-as a esforçarem as suas mentes para reflectirem sobre as bênçãos do Céu de novas maneiras.



Penny Estes Wheeler é redatora na editora adventista Review and Herald.

«O Testemunho de Jesus Cristo»

«**E**o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus» (Apoc. 12:17).

O próprio livro do Apocalipse define o que é o testemunho de Jesus Cristo nestas palavras: «Porque o testemunho de Jesus é o espírito de Profecia» (Apoc. 19:10 ú.p.).

Satanás dirigirá um terrível conflito, nos últimos dias, contra todos os que possuem e forem guiados pelos conselhos e instruções do Espírito de Profecia, porque tais conselhos e instruções desmascaram-no como rebelde e falsificador dos dons do Espírito Santo. Ele pretenderá ser o próprio Cristo e declarará nessa pretensa posição ter abolido a lei de Deus, especialmente o quarto mandamento que ordena a observância e santificação do santo Sábado. E será com base nesta pretensa mudança que ele dirigirá contra o povo de Deus o último grande e terrível conflito denominado nas Escrituras por batalha do Armagedon (Apoc. 16:16). «O dia aproxima-se rapidamente quando os que forem obedientes a Deus de preferência aos homens, sentirão a mão opressora. ... Deus apela a cada um de nós que desperte, pois o fim está próximo. Cada hora que passa é uma hora de actividade nas cortes celestiais a fim de preparar um povo sobre a Terra que desempenhe uma parte nas grandes cenas que em breve sobrevirão sobre nós.» (*Testimonies*, vol. 5, pág. 716).

O pastor John N. Andrews, primeiro missionário Adventista do Sétimo Dia que foi enviado para fora dos Estados Unidos da América, tendo vindo para a Suíça, Europa, assim magistralmente definiu o Espírito de Profecia e a sua importância para o povo de Deus nos últimos dias:

1. «Compreendemos que as Sagradas Escrituras são divinamente inspiradas, e que elas contêm a verdade de Deus, a qual é apta para nos tornar sábios para a salvação.

2. Não entendemos, porém, que o dom das Escrituras à humanidade ultrapasse o dom do Espírito Santo ao povo de Deus.

3. Pelo contrário, cremos que as Escrituras revelam claramente o ofício e a obra do Espírito Santo; ofício e obra que jamais podem cessar enquanto o homem permanecer na graça.

4. Esta obra do Espírito Santo é-nos revelada na doutrina bíblica dos dons espirituais.

5. Portanto, se bem que aceitemos de coração as Escrituras como ensinando todo o dever do homem para com Deus, não negamos ao Espírito Santo na igreja aquele lugar que a Escritura Lhe designa.

6. Os que rejeitam a obra do Espírito de Deus sob a alegação de que as Escrituras são suficientes, negam e rejeitam toda aquela parte da Bíblia que revela o ministério e obra do Espírito Santo.

7. Assim, I Coríntios 12 e Efésios 4, que definem os dons do Espírito de Deus, não podem, na verdade, formar uma parte da regra da vida dos que afirmam que as Escrituras são tão suficientes em si mesmas que os dons do Espírito são desnecessários.

8. A Bíblia expressamente ensina que a existência desses dons é necessária à igreja de Cristo assim como os diversos membros são necessários ao bem-estar do corpo. Se bem, portanto, que a Bíblia reconheça os dons do Espírito, estes não são dados para ultrapassar a Bíblia, nem mesmo para ocupar o mesmo lugar que ela.

9. O objectivo dos dons espirituais é manter viva a obra de Deus na igreja. Eles habilitam o Espírito de Deus a falar na correcção de erros e na exposição de iniquidades. Eles são o meio pelo qual Deus ensina o Seu povo quando está em perigo de dar passos errados. São o meio pelo qual o Espírito de Deus derrama luz sobre as dificuldades da igreja, quando do contrário seria impossível o seu ajustamento. Constituem também o meio pelo qual Deus guarda o Seu povo da confusão, indicando erros, corrigindo falsas interpretações das Escrituras e fazendo com que a luz brilhe sobre aquilo que está em perigo de ser erroneamente compreendido e, portanto, de ser a causa de mal e divisão entre o povo de Deus. Em resumo, a sua obra é unir o povo de Deus no mesmo espírito e no mesmo discernimento quanto ao sentido das Escrituras. ... Seria na verdade triste se Deus não pudesse ainda conversar com o Seu povo.

10. Um dos principais dons do Espírito de Deus, por Ele colocado na igreja do Novo Testamento, é o dom de profecia. (Joel 2:28; Actos 2:1-4, 17-18; I Cor. 12:1-31; 14:1-5; Efés. 5:11-13). Este dom, a Bíblia relaciona com a obra final desta dispensação. (Apoc. 12:17; 14:12; 19:10). Os dons espirituais, portanto, não deixam de ser de importância aos olhos de Deus, nem aos do Seu verdadeiro povo. E a mensagem que tem de consumir o aperfeiçoamento dos santos e prepará-los para a transladação, tem o Espírito de Deus a ela ligado, indicando o manejo da sua obra.» — *Review and Herald* de 15-2-1870.

Prezados irmãos, a Publicadora acabou de publicar o livro **A CIÊNCIA DO BOM VIVER**. Seria bom que todos o adquirissem, pois o preço é bastante acessível: 800\$00.

Uma Oração Atendida

Relatada pela Irmã Ellen White, quando ainda era solteira, esta experiência pode ser repetida na vida de crentes reunidos em oração fervorosa

Na primavera de 1845 fiz uma visita a Topsham (Maine). Certa ocasião vários de nós nos reunimos em casa do irmão Stockbridge Howland. A sua filha mais velha, a Srt.^a Frances Howland, muitíssimo minha amiga, estava atacada de febre reumática, e sob cuidados médicos. As suas mãos estavam tão terrivelmente inchadas que não se podiam distinguir as juntas. Quando, sentados, falámos do seu caso, o irmão Howland foi interrogado se tinha fé que a sua filha poderia ser curada em resposta à oração. Respondeu que procuraria crer que sim, e imediatamente declarou que cria ser possível.

Ajoelhámo-nos todos em oração fervorosa a Deus em favor dela. Reclamámos a promessa: «Pedi, e recebereis.» S. João 16:24. A bênção de Deus acompanhou as nossas orações, e tivemos a certeza de que Deus desejava curar a enferma. Um dos irmãos presentes exclamou: «Há aqui uma irmã que tenha fé para tomá-la pela mão e mandar que, em nome do Senhor, se levante?»

A irmã Frances estava deitada no quarto de cima, e antes que ele acabasse de falar, a irmã Curtis já se dirigia à escada. Entrou no quarto da enferma, com o Espírito de Deus sobre si, e, tomando a doente pela mão, disse: «Irmã Frances, em nome do Senhor, levante-se e sare.» Nova vida atravessou as veias da moça enferma, fé santa se apoderou dela e, obedecendo-lhe aos impulsos, levantou-se do leito, ficou em pé, e andou pelo quarto, louvando a Deus pelo seu

restabelecimento. Vestiu-se logo, e, com o rosto iluminado de indizível alegria e gratidão, desceu à sala em que estávamos reunidos.

Na manhã seguinte almoçou connosco. Logo depois, enquanto o Pastor White lia o quinto capítulo de S. Tiago, para o culto familiar, chegou o médico ao vestibulo, e como de costume subiu as escadas para visitar a sua cliente. Não a achando ali, desceu à pressa e, com expressão de espanto, abriu a porta da grande cozinha onde estávamos todos sentados, inclusive a sua paciente. Olhou para ela com admiração, e finalmente proferiu: «Então Frances, está melhor!»

O irmão Howland respondeu: «O Senhor a curou»; e o que lia reatou a leitura do capítulo, no ponto em que fora interrompida: «Está alguém entre vós doente? chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele.» S. Tiago 5:14. O médico escutou com expressão curiosa, misto de espanto e incredulidade, meneou a cabeça, e saiu precipitadamente.

No mesmo dia a irmã Frances andou a cavalo quatro quilômetros e meio, voltando para casa à noite; e, posto que estivesse a chover, não lhe adveio disso mal algum, e continuou melhorando rapidamente. Dentro de poucos dias, a seu pedido, foi levada à água e baptizada. Conquanto o tempo e a água estivessem muito frios, não lhe sobreveio nenhum mal por isso e, pelo contrário, desde aquele tempo ficou livre da mo-

lestia, e gozou saúde normal. — E. G. White, *Vida e Ensinos*, pp. 69-71, Publicadora Atlântico.

